



Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

# ACOLHER

## **Cadernos de TC 2017-1**

### **Expediente**

#### **Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo**

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

#### **Corpo Editorial**

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

#### **Coordenação de TCC**

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

#### **Orientadores de TCC**

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

#### **Maquete**

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

#### **Seminário de Tecnologia**

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

#### **Seminário de Teoria e História**

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Anderson Ferreira da Silva Jorge, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

#### **Expressão Gráfica**

Madalena Bezerra de Souza, e. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

#### **Secretária do Curso**

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

## Apresentação

Este volume faz parte da quarta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

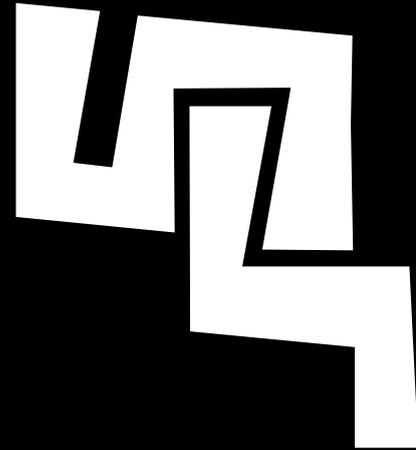
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e a posição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves  
Maryana de Souza Pinto  
Pedro Henrique Máximo





O projeto apresentado é voltado para a área institucional, tratando-se de uma entidade de acolhimento à crianças e adolescentes na cidade de Anápolis.

Uma criança ou adolescente é encaminhado a um serviço de acolhimento quando foram esgotados as outras possibilidades que permitiriam colocá-lo em segurança. Dessa forma, o projeto do abrigo visa a criação de ambientes acolhedores e familiares, de maneira a deixar as crianças confortáveis.

Além disso, o projeto conta com a inserção de um Núcleo Cultural, voltado para artes plásticas e música, e uma praça. Mecanismos que somados à entidade de acolhimento geram um espaço completo de acolhimento e inclusão social.

## **ACOLHER**

### **Espaço de Acolhimento e Inclusão Social de Crianças e Adolescentes em Anápolis**



**Carollina Souza de Lannes**  
Orientadora: Simone Buiate Brandão





# O ATO DE ACOLHER - Segundo os órgãos nacionais responsáveis

## Definição

A palavra acolhimento em si significa, segundo o Dicionário Aurélio: 'ato de acolher; refúgio; amparo; hospitalidade', ou seja, um ambiente que concede segurança ao indivíduo que o procura. Dessa forma, o lar de acolhimento é um ambiente que oferece amparo às crianças e adolescentes, quando esse recurso se faz necessário. Ocorre quando os direitos da criança ou do adolescente são violados e quando existe risco pessoal, social ou familiar.

'Serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo (ECA, Art. 101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção (...)' ( ORIENTAÇÕES... 2009, p.63).[1]

Os lares infantis recebem crianças e/ou adolescentes com idade de 0 a 18 anos que necessitem do serviço de acolhimento, até que estas possam retornar ao convívio com a família de origem e, caso não seja possível, serem encaminhadas para família substituta.

De acordo com o Art. 92 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)[2], os objetivos gerais do programa de acolhimento são:

- Acolher e garantir proteção integral;
- Contribuir para a prevenção do agravamento de situações de negligência, violência e ruptura de vínculos;
- Restabelecer vínculos familiares e/ou sociais;
- Possibilitar a convivência comunitária;
- Promover acesso à rede socioassistencial, aos demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos e às demais políticas públicas setoriais;
- Favorecer o surgimento e o desenvolvimento de aptidões, capacidades e oportunidades para que os indivíduos façam escolhas com autonomia;
- Promover o acesso a programações culturais, de lazer, de esporte e ocupacionais internas e externas, relacionando-as a interesses, vivências, desejos e possibilidades do público.

O trabalho de acolhimento busca apoiá-los, fortalecê-los e emancipá-los, assegurando-lhes o respeito e participação na sociedade, utilizando-se das áreas educacional, saúde, social, lazer e jurídico.

## Contexto Histórico

O primeiro método de acolhimento implantado no Brasil foi a Roda, um cilindro giratório colocado na parede do hospital, onde crianças rejeitadas eram colocadas e recolhidas pela instituição, assim surgiu a Casa de Expostos. Esse método perdurou de 1726 a meados de 1750. Posteriormente, em 1871, foi criado o asilo de meninos desvalidos, para onde eram encaminhadas crianças e adolescentes do sexo masculino, já que as meninas desvalidas eram acolhidas na Santa Casa desde 1740 (GRACIANO, 2005, p.172)[3]. Meio século depois, em 1924, foi criado o Abrigo de Menores, mais conhecido como orfanato. Nessa época, os menores eram classificados em abandonados e delinquentes. De lá para cá foram realizadas várias mudanças políticas, sociais e constitucionais, até que se estabeleceu o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, onde as preocupações foram se voltando cada vez mais para o bem estar da criança e adolescente.

Os orfanatos foram extintos e em seus lugares surgiram os diversos métodos de acolhimento e proteção infantil. Atualmente, existem quatro diferentes tipos de serviços de acolhimento definidos pelo ECA. Cada qual com organização específica, de modo a atender de maneira mais adequada sua demanda. São eles:

- Abrigo Institucional: acolhimento com estrutura parecida com a de uma residência, onde há no mínimo dois educadores/cuidadores responsáveis por um número máximo de 20 crianças e adolescentes;
- Casa-Lar: acolhimento oferecido em unidades residenciais, nas quais pelo menos uma pessoa ou casal trabalha como cuidador/educador residente, atendendo um número máximo de 10 crianças;
- Família Acolhedora: acolhimento realizado nas residências de famílias cadastradas. Cada família só pode acolher uma criança/adolescente por vez, salvo em casos de irmãos;
- República: serviço que oferece apoio e moradia subsidiada a grupos de jovens de 18 a 21 anos em processo de desligamento de algum dos serviços de acolhimento anterior em busca de autonomia pessoal. Número máximo de 6 jovens e separado por sexo.

Todos têm em comum o fato de serem ambientes com aspectos semelhantes aos de residências, sendo acolhedores e dignos, apresentando uma rotina o mais próxima do cotidiano normal de cada criança e adolescente acolhidos.

## NOTAS:

[1] Apostila Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, Brasília, 2009.

[2] Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasília, 2014.

[3] Artigo de Eliza Ribas Graciano sobre Aspectos Históricos e Educacionais dos Abrigos de Crianças e Adolescentes: A formação do educador e o acompanhamento dos abrigados. Campinas, 2005.

## LEGENDAS:

[f.1],[f.2],[f.3],[f.4]: Fotos ilustrativas do funcionamento interno de lares de acolhimento à crianças e adolescentes. Fontes: Google imagens.

## Funcionamento

As principais diferenças entre os antigos orfanatos e os atuais lares de acolhimento estão no número reduzido de crianças e adolescentes atendidos, que deve ser de no máximo 20 (em se tratando do abrigo institucional que é o maior em demanda), além da mudança de visão das necessidades dos internos, onde deve-se favorecer o convívio familiar e comunitário, o que não ocorria nos orfanatos.

A proposta aqui a ser desenvolvida consiste em um Abrigo institucional. E o ECA traz algumas diretrizes que essas instituições devem seguir, tais como: preservação dos vínculos e reintegração familiares; atendimento personalizado; participação na vida da comunidade local e de pessoas da comunidade no processo educativo dos internos.

As crianças e adolescentes só podem ser encaminhados às instituições de acolhimento por meio judicial e a cada seis meses (no máximo) devem ter sua situação reavaliada, a fim de que possam voltar ao convívio familiar natural. Além disso, a permanência dos mesmos nas instituições não pode exceder o período de 2 anos, a menos que seja comprovada e devidamente fundamentada a necessidade. Mas é necessário ressaltar que, independente do tempo de acolhimento, o mais importante é o tratamento dado a essas crianças e adolescentes. Os profissionais que atuam nesta área devem estar cientes da importância e do impacto que seu trabalho faz na formação da personalidade e do caráter dessas crianças, por isso deve-se dar bastante atenção na hora da escolha desses profissionais.

Durante o período em que as crianças estão acolhidas (sejam dias, meses ou até mesmo anos) é feito um trabalho contínuo de estimulação, bem como orientações e cuidados médicos e um acompanhamento às famílias para viabilizar o retorno, nos casos em que isso é possível, ou na preparação para a adoção.



NOTAS:

[4][5]: Dados obtidos do Levantamento Nacional das crianças e adolescentes em Serviço de Acolhimento, 2013.

[6]: Lista de entidades de acolhimento à crianças e adolescentes da cidade de Anápolis (Maio, 2015).  
Fonte: www.mp.go.gov.br.

[7]: perfil das crianças disponíveis para adoção no Brasil, 2013.  
Fonte: www.senado.gov.br, 2016.

LEGENDAS:

[g.1]: Gráfico com a distribuição das crianças para adoção em todo país. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[g.2]: Gráfico com a faixa etária das crianças em situação de abrigo. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

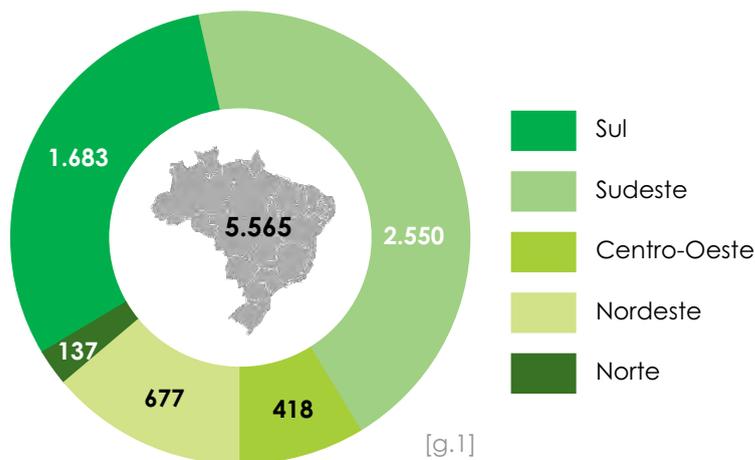
[g.3]: Gráfico com o sexo das crianças em situação de abrigo. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[g.4]: Gráfico com a porcentagem das crianças com irmãos em situação de abrigo. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

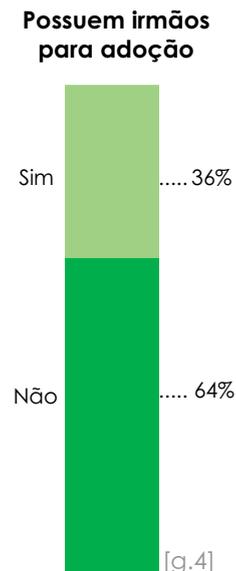
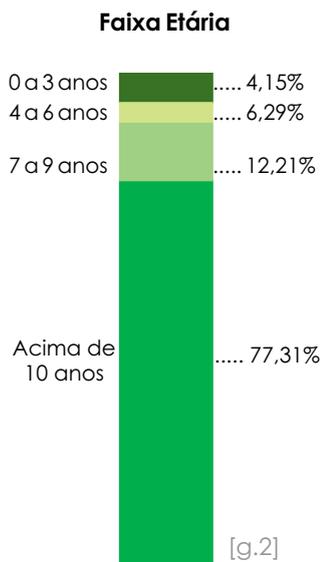
[g.5]: Gráfico com a raça/cor das crianças em situação de abrigo. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[g.6]: Relação de serviço de acolhimento entre os estados. Fonte: Levantamento Nacional das crianças e adolescentes em Serviço de Acolhimento, 2013.

Distribuição de crianças para adoção por regiões do Brasil



Perfil das crianças disponíveis para adoção no Brasil [7]



## CONTEXTO HISTÓRICO

As crianças e adolescentes representam 34% da população brasileira, o que em número, significa aproximadamente 56,3 milhões de pessoas (ASSIS; FARIAS, 2013)[4], e dessas, mais de 36 mil crianças e adolescentes estão inseridas em medidas protetivas de abrigos.

Desse total, 6,9% estão localizados no Estado de Goiás (gráfico [g.6]), o que representa um contingente muito grande de crianças e adolescentes abrigados, sendo muitas vezes acima do que as unidades de acolhimento podem receber. Gerando, assim, um grande desfalque para o estado.

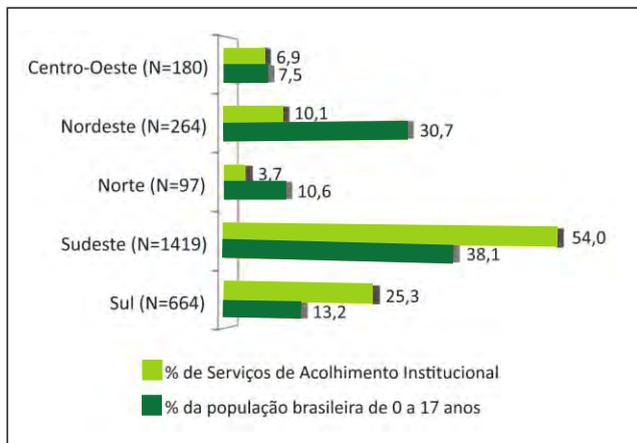
Mas isso é decorrente da falta de instituições voltadas para esse tipo de serviço, uma vez que Goiás é o estado do Centro-Oeste com menor índice de Serviços de Acolhimento Institucional (SAI). Das 246 cidades existentes, apenas 20 (menos de 10%) apresentam SAI, tendo um total de 550 crianças atendidas, distribuídas em 38 abrigos por todo o Estado. Comparando com o âmbito nacional, em todo o Brasil, tem-se um total de 1.685 SAI.

Das cinco regiões do Brasil, o Centro-Oeste é o quarto em número de instituições de acolhimento, ficando a frente apenas da região norte do país. E mais de 50% das crianças permanecem de 6 meses a 2 anos nos lares de acolhimento.

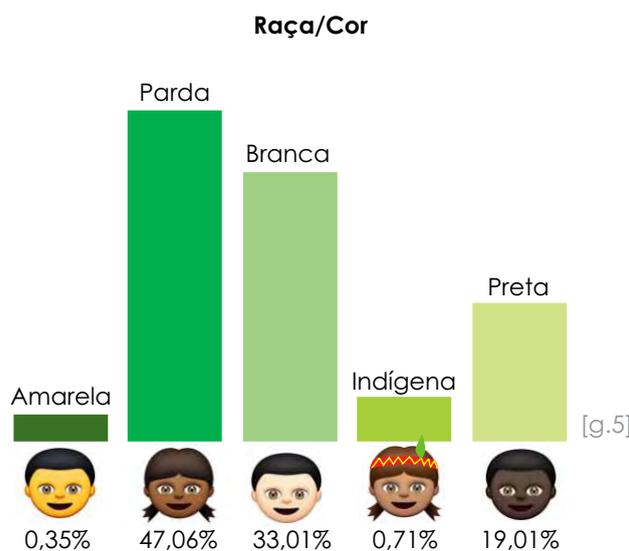
Os principais motivos de acolhimento infantil no Centro-Oeste são:

- 36,9% Negligência na família;
- 21,9% Abandonos;
- 20% Pais/Responsáveis dependentes químicos ou alcoólatras.

Sendo a maior faixa etária de 07 a 11 anos (28,8%) e cor de pele branca (29,7%) (ASSIS; FARIAS, 2013)[5]. Ver gráficos [g.2] e [g.5].



[g.6]



[g.5]

## ABRIGOS EM ANÁPOLIS

Segundo o Ministério Público de Goiás[6], Anápolis conta com 5 instituições especializadas em acolhimento de crianças e adolescentes. Sendo elas:

- *Instituto Pequeno Abandonado Luz de Jesus* - Rua 38 Ed. 46 Lt. 6 a 12 Recanto do Sol
- *Lar e Abrigo Mater Savatoris* - Rua J.P 52 Ed. 29 Lt. 14 a 17 Jardim Primavera II
- *Instituto Cristão Evangélico de Goiás* - Av. Bernardo Sayão nº 300 Jardim das Américas
- *Lar dos Meninos Monsenhor Pitalvarga - Centro de Assistência Social* - Rodovia 222 Km 17
- *Centro de Caridade São Pio de Pietrelcina* - Chácara Lis BR 153, Km 1209

#### LEGENDAS:

[m.1] Mapa com as localizações das instituições de acolhimento a criança e adolescente na cidade de Anápolis:

- (1) Centro de Caridade São Pio de Pietrecina;
- (2) Instituto Pequeno Abandonado Luz de Jesus;
- (3) Instituto Cristão Evangélico;
- (4) Lar e Abrigo Mater Salvatoris;

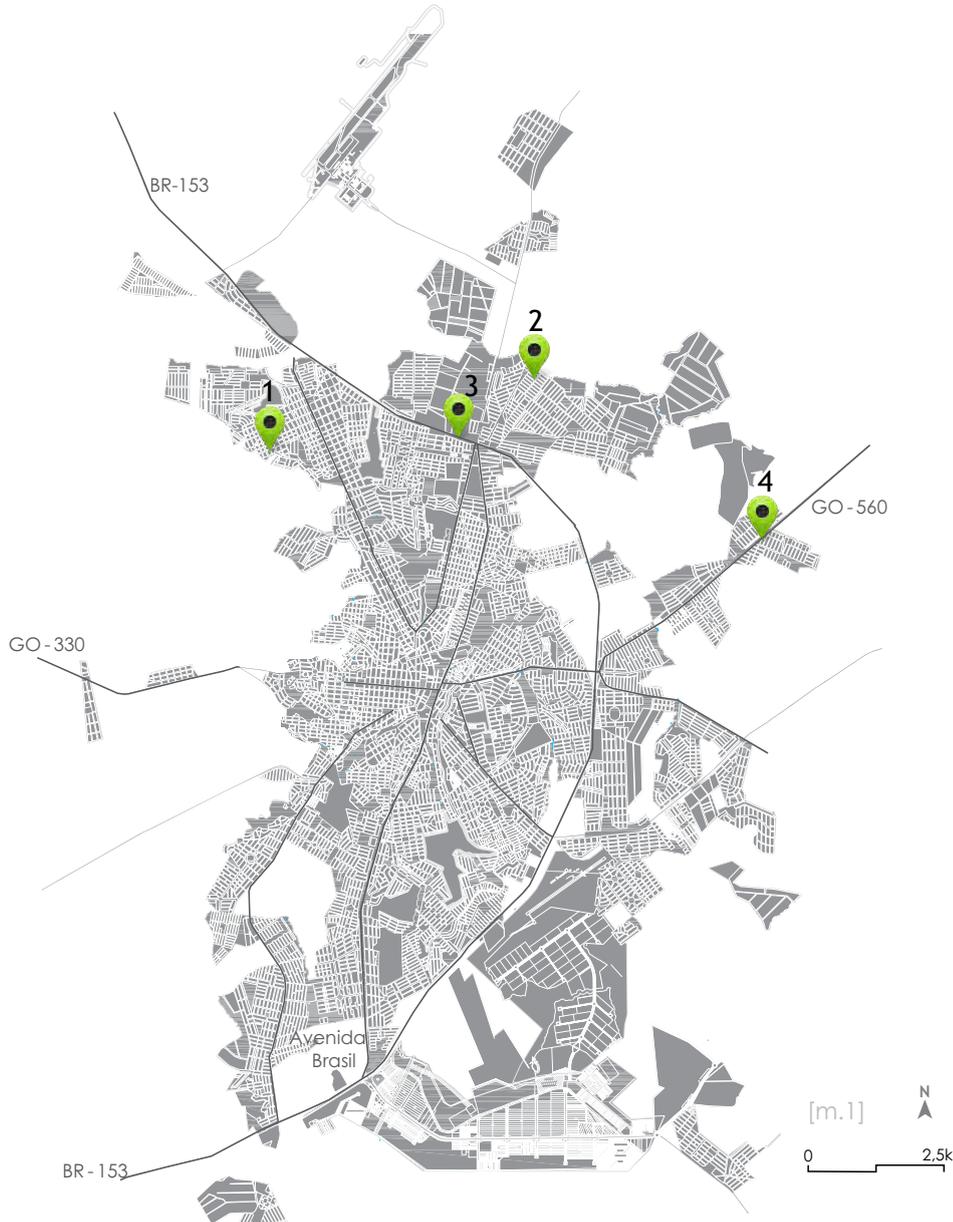
Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[f.05]: Fachada da frente,  
[f.06]: Biblioteca,  
[f.07]: Fundo da Bloco principal,  
[f.08]: Bloco com cozinha e refeitório

Imagens do Instituto Cristão Evangélico. Fontes: Carollina Souza de Lannes, 2015.

[f.09]: Vista frontal,  
[f.10]: Consultório médico,  
[f.11]: Área externa,  
[f.12]: Berçário.

Imagens do abrigo Master Salvatoris. Fontes: Carollina Souza de Lannes, 2015.



Todas as instituições da cidade apresentam irregularidades, sendo a mais frequente o número de crianças acolhidas, que é em média de 30 crianças e adolescentes, sendo que o recomendado é de apenas 20. Das 5 instituições, apenas o Lar dos Meninos Monsenhor Pitaluga é mantido por um órgão municipal - o Centro de Assistência Social de Anápolis, já o Instituto Cristão Evangélico vem de um projeto religioso da Igreja Cristã Evangélica. Os demais dependem das doações de terceiros para se manterem. Mas todas as entidades têm convênio e recebem uma pequena colaboração municipal e/ou estadual.

Dentre as instituições presentes em Anápolis, apenas o Lar e Abrigo Mater Salvatoris atende crianças com menos de 5 anos de idade e deficientes mentais

e físicos, o que sobrecarrega o lar, que depende de doações para se manter.

O Instituto Cristão Evangélico é, em termos geográficos, o maior de todos da cidade, com capacidade para atender mais de 50 crianças em suas instalações. No entanto, por falta de colaboradores e voluntários, teve em 2015 seu berçário desativado e não apresenta qualificação para portadores de necessidades especiais (PNE), o que acaba por reduzir seu contingente interno. Já em número de abrigados, o Instituto Pequeno Abandonado Luz de Jesus é o maior, acolhendo 38 crianças e adolescentes.

No levantamento realizado, não foi possível encontrar a localização da instituição Lar dos Meninos Monsenhor Pitaluga de acordo com o endereço fornecido, mas sabe-se que ele se mantém em funcionamento.



[f.05]



[f.06]



[f.07]



[f.08]



[f.09]



[f.10]

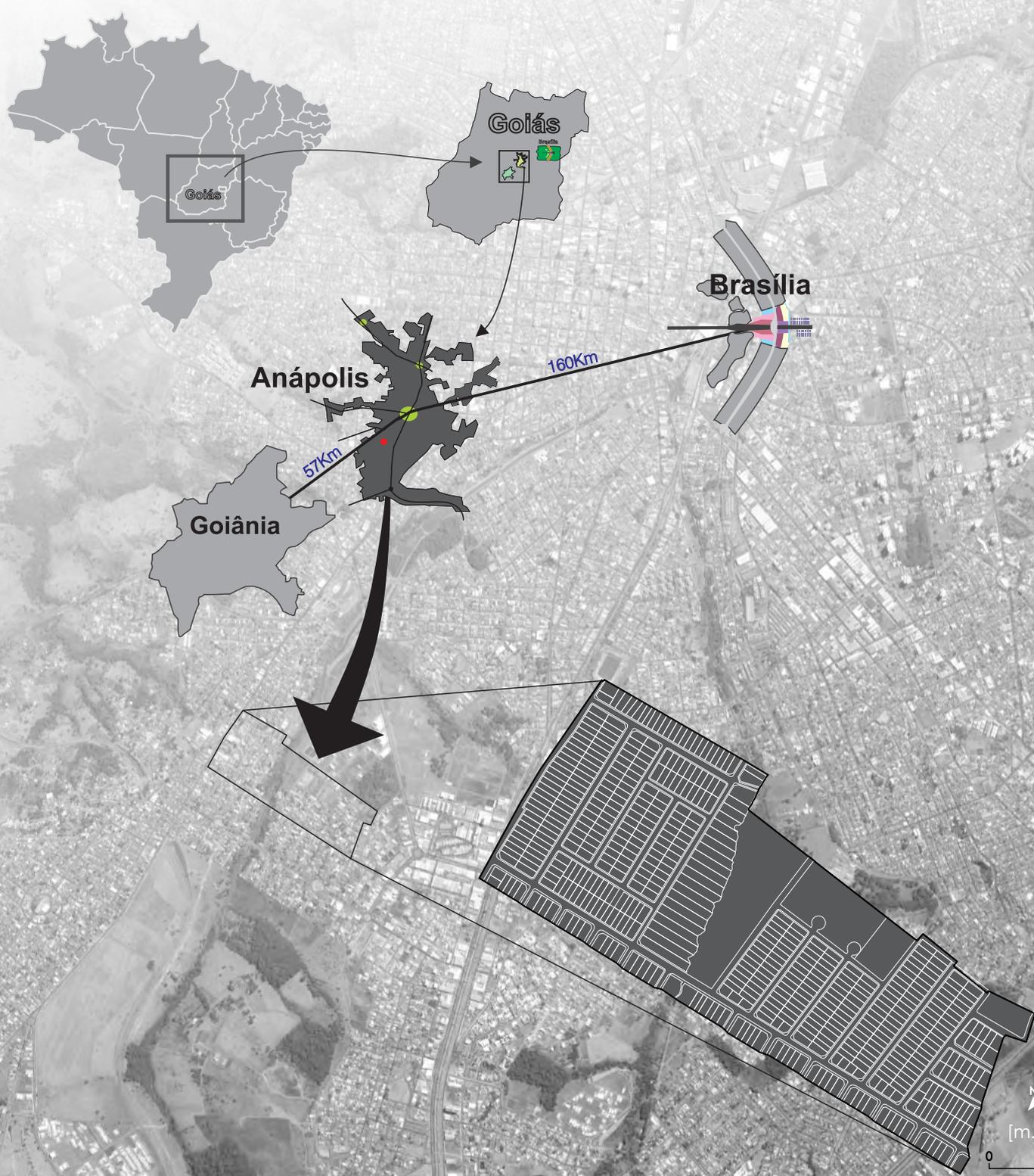


[f.11]



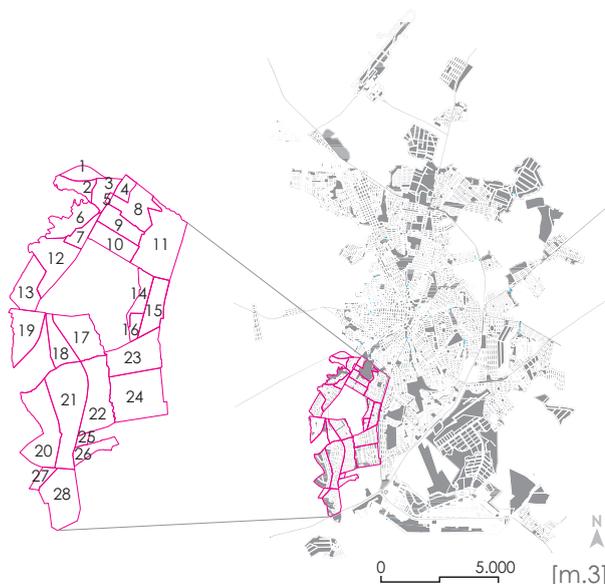
[f.12]

Levando em conta todos os índices anteriores, observa-se a necessidade de uma instituição própria para a cidade, que atenda todos os mecanismos imprescindíveis para acomodar a demanda do município e que esteja inserida no contexto da cidade, evitando assim alguns problemas observados nas instituições atuais.



## O LUGAR

- 1 - Jardim Santa Cecília
- 2 - Residencial Vale das Brisas
- 3 - Vila São Joaquim
- 4 - Vila São Joaquim 2ª Etapa
- 5 - Bairro Manoel Rodrigues
- 6 - Novo Paraíso
- 7 - Jardim Calixto
- 8 - Loteamento Setor Sul Jamil Miguel 2ª Etapa
- 9 - Residencial Pedro Ludovico
- 10 - Loteamento Parque das Primaveras
- 11 - Loteamento Setor Sul Jamil Miguel
- 12 - Bairro Paraíso
- 13 - Vila Mariana
- 14 - Residencial Itatiaia
- 15 - Bairro Calixtolândia
- 16 - Bairro Calixtolândia 2ª Etapa
- 17 - Loteamento Jibrán El Hadj
- 18 - Residencial Reny Cury
- 19 - Residencial Copacabana
- 20 - Sítios de Recreio Vale das Laranjeiras
- 21 - Loteamento Vivian Parque 2ª Etapa
- 22 - Residencial Morumbi
- 23 - Loteamento Polocentro 2ª Etapa
- 24 - Loteamento Polocentro 1ª Etapa
- 25 - Conjunto Esperança II
- 26 - Loteamento Vivian Parque 1ª Etapa
- 27 - Parque Calixtópolis II
- 28 - Parque Calixtópolis



LEGENDAS:

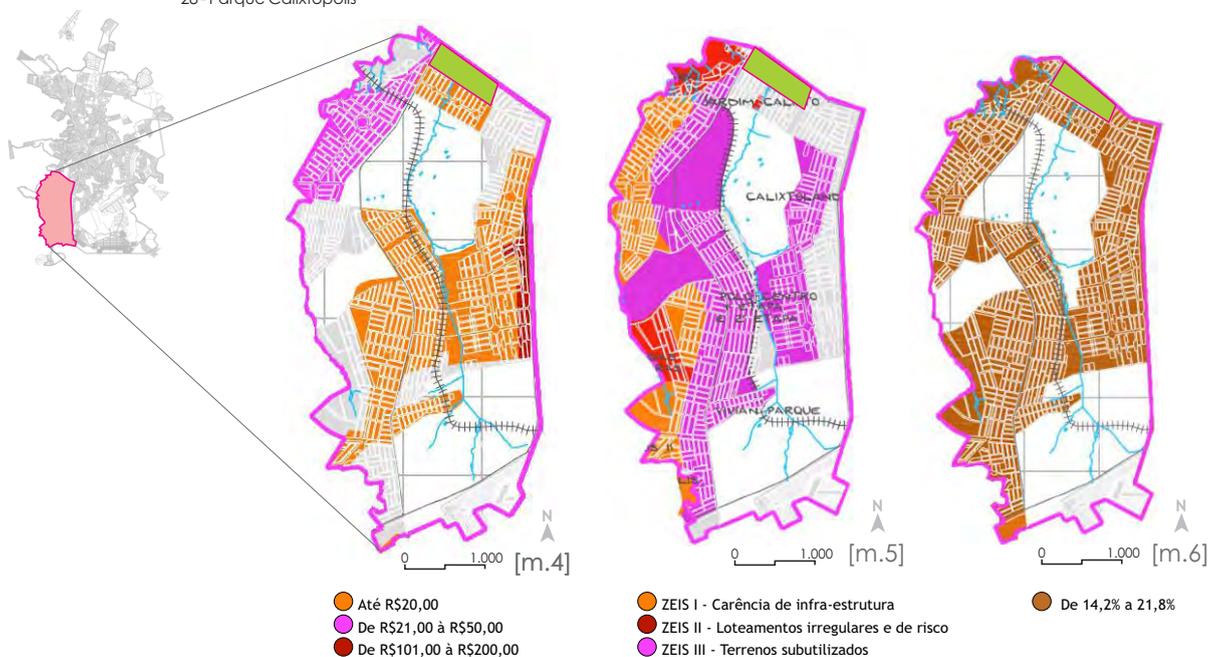
[m.2] Mapa com a localização de Anápolis, partindo desde o Brasil até o Residencial Pedro Ludovico. Fonte: Carolina Souza de Lannes, 2016.

[m.3]: Mapa com destaque da região sudoeste de Anápolis e seus respectivos bairros. Fonte: Carolina Souza de Lannes, 2016.

[m.4]: Mapa dos dados imobiliários da região sudoeste de Anápolis. Fonte: Plano Diretor de Anápolis, 2006.

[m.5]: Mapa das AEIS da região sudoeste de Anápolis. Fonte: Plano Diretor de Anápolis, 2006.

[m.6]: Mapa de pessoas analfabetas da região sudoeste de Anápolis. Fonte: Plano Diretor de Anápolis, 2006.



O primeiro parâmetro para a escolha do lugar para inserir o abrigo foi o estudo da realidade atual, onde vimos que todas as instituições presentes em Anápolis estão inseridas ao norte da cidade. A partir dessa análise e buscando atender outras regiões mais específicas, foi feito outro levantamento para conhecer melhor a realidade socioeconômica e cultural da cidade, pois a maioria das crianças e adolescentes acolhidos nos abrigos vêm das periferias e locais carentes.

Através do anexo do Plano Diretor de Anápolis, foi possível notar que a região sudoeste carece de vários recursos, sendo classificada como ZEIS I e III [m.5], com carência de infraestrutura e parcelamentos e terrenos subutilizados, além

de ser uma das regiões com maior índice de analfabetismo, menor valor imobiliário e menor renda [m.4].

Levando em consideração as próprias orientações do livro Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de 2009, onde diz que o lar de acolhimento deve estar situado em área urbana, residencial e envolvido com a comunidade, além disso deve estar próximo aos familiares dos abrigados e apresentar entorno com infraestrutura básica para a manutenção do abrigo, procurou-se um bairro que atendesse essas características e estivesse no entorno imediato da região carente levantada anteriormente. E dessa forma foi escolhido o Setor Residencial Pedro Ludovico.

## O BAIRRO

### LEGENDAS:

[m.7]: Mapa de Anápolis destacando os abrigos infantis atuais, todos ao norte da cidade. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[m.8]: Mapa de Anápolis destacando a região sudoeste com destaque para os equipamentos locais e o Setor Residencial Pedro Ludovico. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[m.9]: Mapa do bairro e seus limitantes. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[m.10]: Mapa do bairro e seu gabarito, destacando o terreno escolhido. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[m.11]: Mapa da área e as vias confrontantes, mostrando a linha divisória dos bairros. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

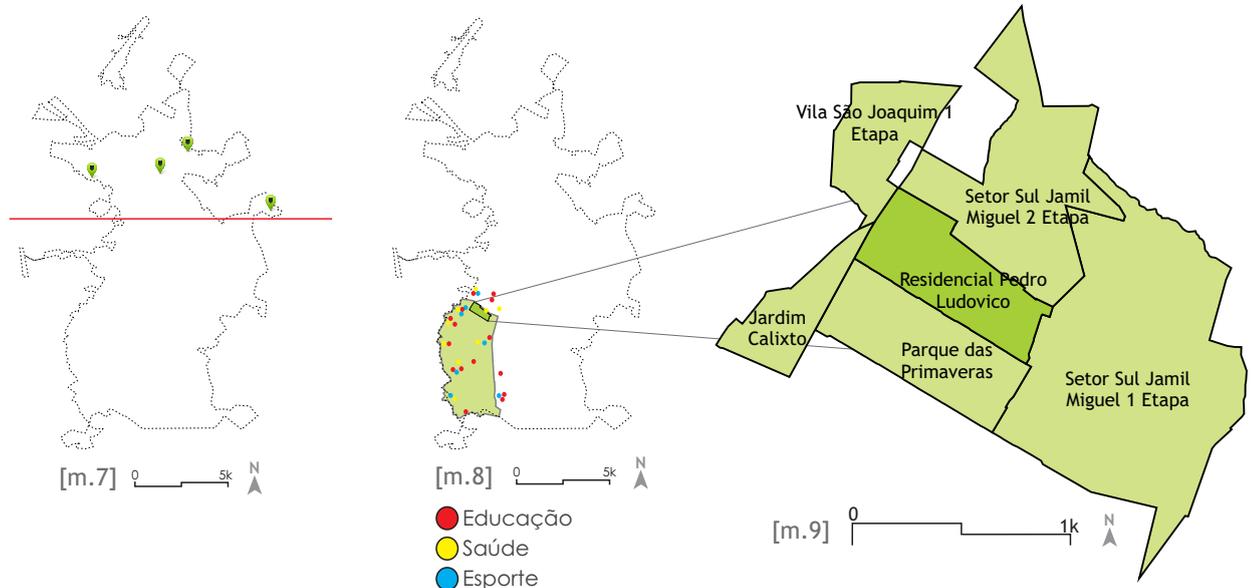
[m.12]: Mapa com a separação das áreas pública e privada que formam o terreno escolhido. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[m.13]: Mapas mostrando a evolução dos bairros desde 2003. Fonte: Google Earth Pro, 2016.

O bairro foi escolhido a partir da análise do entorno. Após o levantamento dos índices socio-econômicos que apontaram a região sudoeste como uma das mais carentes, levantou-se os equipamentos educacionais, esportivos e de saúde. Dessa forma obteve-se a região com mais equipamentos. A partir dessa região procurou-se áreas bem localizadas e com uma metragem suficiente para a implantação da proposta.

O terreno escolhido foi uma grande área de 7.272m<sup>2</sup> com duas peculiaridades: um trecho público destinado a uma praça pública que nunca foi implantada, e a presença de um parque verde, totalmente negligenciado, paralelo à área.

Essas duas características foram as norteadoras tanto da área quanto das diretrizes do projeto proposto.



Como parte da área escolhida já é destinada a uma praça, a proposta é manter o projeto, além de implantar também uma iniciativa sociocultural. Dessa forma, o programa abrangerá não apenas um lar de acolhimento, mas também um mecanismo socioeducativo que poderá atender a sociedade do bairro e entorno, garantindo o contato e inserção das crianças abrigadas com a comunidade local, além de levar um projeto cultural para a região.

Sabendo que a região não conta com projetos culturais e tendo em vista os

programas municipais, a proposta a ser implantada é a do Programa Cultura para Todos, que é uma parceria da prefeitura de Anápolis com alguns órgãos, afim de promover o desenvolvimento de atividades na área da **música** e das **artes plásticas**. O programa é concebido em núcleos espalhados pela cidade, sendo o mais próximo do Setor Residencial Pedro Ludovico o Núcleo Música e Vida situado no Bairro Calixtópolis, situação que irá mudar com a implantação de mais um núcleo no setor aqui proposto.

Após escolher o terreno e estudar sua história, percebeu-se que área é dividida por 2 bairros. Sendo assim, não há como defini-la como parte de apenas um.

O trecho que faz parte do Setor Residencial Pedro Ludovico trata-se da área que contém a parte destinada à praça citada anteriormente, que nunca foi desenvolvida e o local encontra-se baldio. O restante do terreno faz divisa com o bairro Jamil Miguel 2ª Etapa [m.10].

Os 2 bairros são considerados novos, configurados na década de 2000, sendo o Residencial Pedro Ludovico o menor, com menos de 300.00m<sup>2</sup> e um perímetro de pouco mais de 2,5km. Apesar de recentes, os bairros vêm passando por um processo acelerado de ocupação, sendo os dois voltados, em sua maioria, para o uso residencial [m.13].

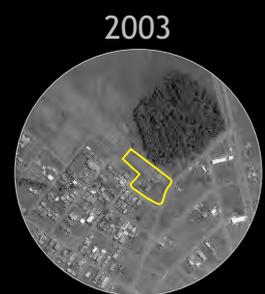
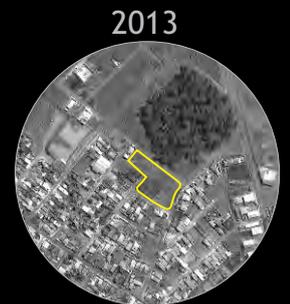


Área destinada inicialmente a uma praça pública para o bairro Residencial Pedro Ludovico.

Restante da área privada pertencente a ambos os bairros.



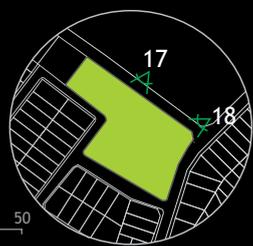
A implantação do Núcleo de Cultura ao lado de acolhimento irá agregar valor ao projeto e gerar um mecanismo de aprendizagem que possa ser usado por toda a comunidade local.



[m.13]

LEGENDAS:

[f.13],[f.14]: Imagens da área escolhida. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.



[f.13]



[f.14]

## DIAGNÓSTICO DO LUGAR

### Condicionantes Ambientais

#### LEGENDAS:

[m.14]: Mapa de Topografia, Hidrografia, Vegetação, Insolação e Ventos dominantes.

Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[f.15]: Estado atual do Parque frente ao terreno escolhido.

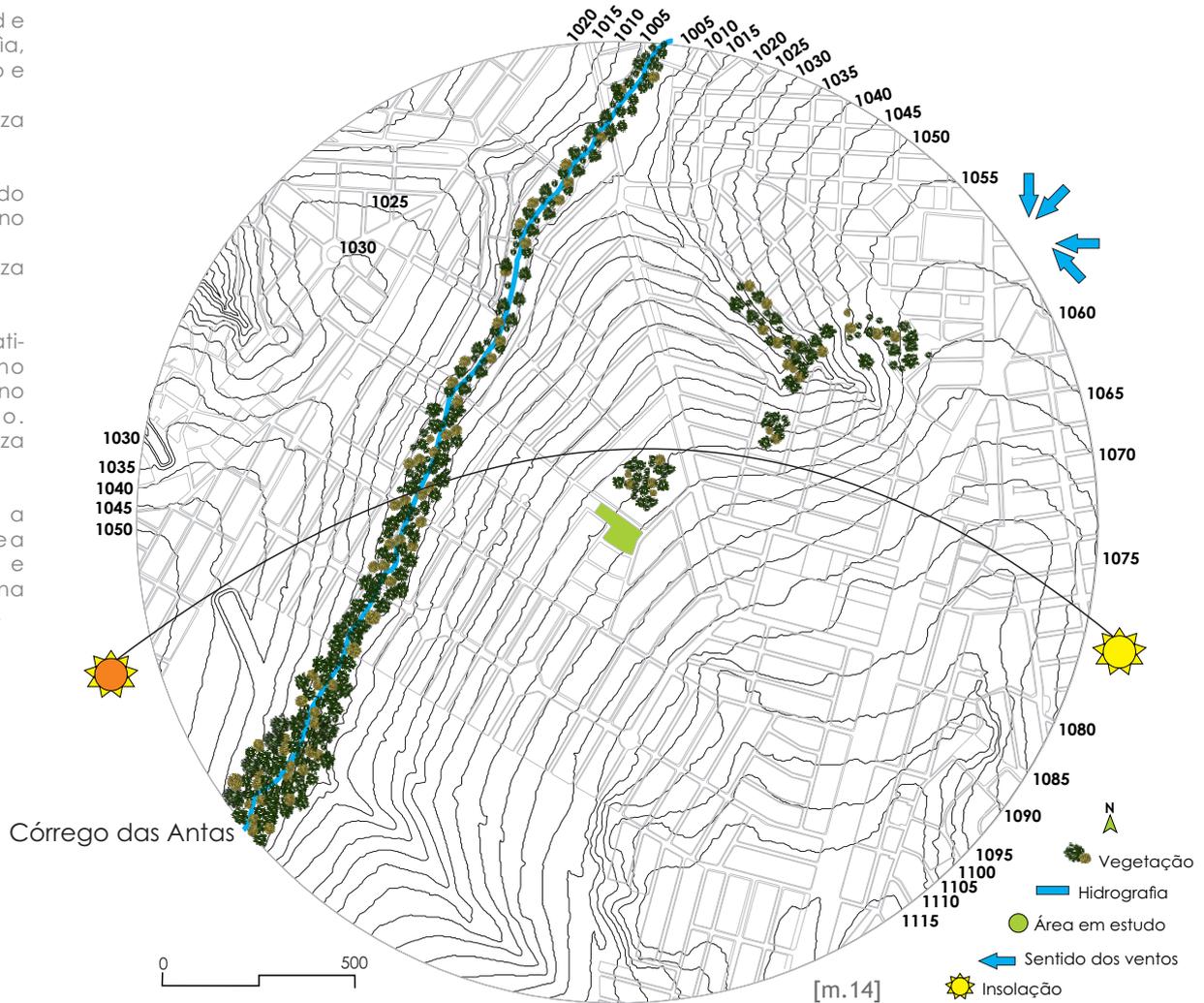
Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[f.16]: Imagens ilustrativas da insolação no terreno 12:00 horas no inverno e no verão.

Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[m.15]: Mapa com a topografia da área escolhida em planta e corte.

Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

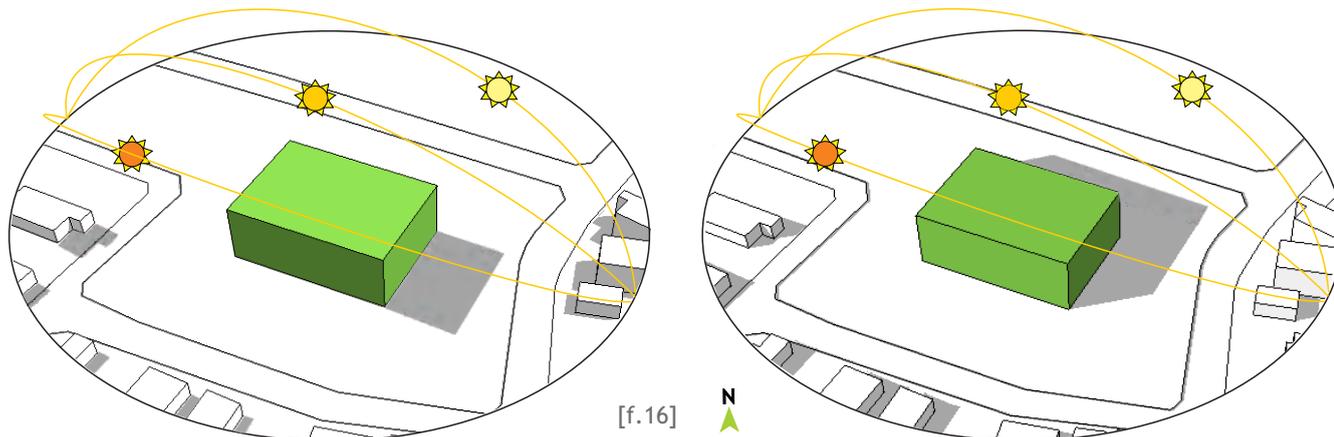


As condicionantes naturais do terreno - topografia, hidrografia, vegetação, ventos e insolação - são itens que interferem direta e indiretamente no projeto, por isso requerem tamanha relevância.

A topografia local, assim como a do restante da cidade é de um relevo bastante acidentado, estando o terreno localizado na parte mais alta do bairro. O terreno em si apresenta uma queda uniforme de 10 metros disposta em 135 metros de extensão, um desafio projetual à realização de uma boa solução.

Há pouco mais de 400 metros da área escolhida, passa um trecho do Córrego das Antas, principal e primordial para a cidade, que corta parte do bairro de uma extremidade a outra. Além desse, não há outro trecho hidrográfico próximo.

A vegetação do entorno foi o ponto chave para a escolha do terreno, pois há ao lado uma grande área destinada a um parque público, objeto este que pode interagir com o terreno, lhe agregando maior valor e ditando diretrizes ao projeto. Contudo, a área verde encontra-se totalmente degradada e abandonada. Com o passar dos anos, a ausência de planejamento e execução do projeto do parque, culminou na redução e queima de grande parte de sua arborização (ver imagens do mapa 13), deixando-o com aspecto morto e decadente. Por esse motivo e buscando reaver sua verdadeira identidade, propo diretrizes de requalificação para o parque, que serão abordadas mais adiante.



12:00pm Solstício de Inverno

12:00pm Solstício de Verão

A incidência solar é uma das principais diretrizes na hora de se projetar e bem sabemos que, para nosso clima e região, as melhores fachadas são as voltadas para Leste e Sul. No entanto, devido à distinta geometria do terreno, as maiores fachadas são Norte e Oeste, o que não se torna um obstáculo projetual, uma vez que a arquitetura pode fazer uso de vários mecanismos e diretrizes que diminuam seu impacto.

Os ventos predominantes dependem da época do ano: Outubro a Fevereiro - norte; Março a Setembro - leste; O que também gera diretrizes para o projeto, pois as fachadas voltadas para essas regiões podem, se bem trabalhadas, apresentar maior tamanho e quantidade de aberturas, de maneira que aumente a ventilação e iluminação naturais no interior do edifício.

## ESTRUTURA URBANA E PONTOS DE REFERÊNCIA

Apesar de sua localização mais afastada do centro da cidade e em um bairro novo, a área definida apresenta alguns equipamentos públicos favoráveis, principalmente na área da saúde e educação.

Num raio preciso de 1.250 metros podemos encontrar 6 escolas públicas, 3 equipamentos de saúde e 1 Batalhão da Polícia Militar, além de várias instituições religiosas, um centro comunitário para crianças e a área verde (destinada a um parque) ao lado do terreno.



[f.23]



[f.24]



[f.25]



[f.26]



#### LEGENDAS:

[f.17]-[f.22]: Fotos de alguns pontos de referências. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[m.16]: Mapa dos pontos de referências num raio de 1.250 metros. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[f.23]: Edifício comercial-galpão. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[f.24]: Edifícios residenciais frente ao terreno escolhido. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

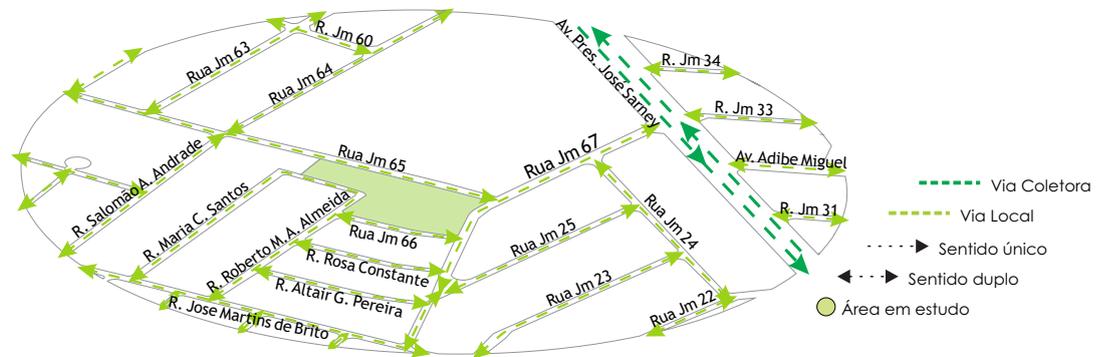
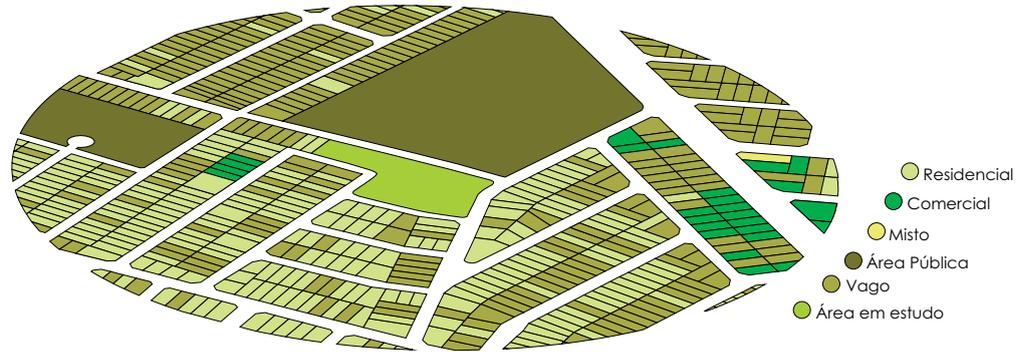
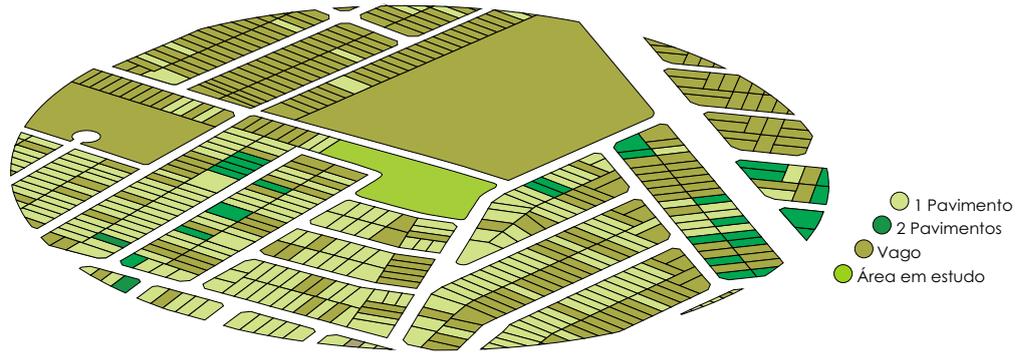
[f.25]: Avenida Pedro Ludovico. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

[f.26]: Rua Jm 66, confrontante com o terreno escolhido. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2016.

# SÍNTESE DO ENTORNO DO LUGAR

## LEGENDAS:

[d.15]: Diagrama da síntese do entorno do lugar, mostrando vias principais, altura, uso e ocupação do solo.  
 Fonte: Carolína Souza de Lannes, 2016.



[d.15]



A área escolhida tem sua localização entre duas avenidas influentes da cidade, a Avenida Brasil - única via arterial de 1ª categoria da cidade - e a Avenida Pedro Ludovico, via arterial de 2ª categoria, principal acesso aos bairros sudoeste. Ambas as avenidas são de mão dupla devido ao movimentado tráfego que recebem diariamente.

As demais vias promovem a ligação entre essas duas avenidas e o terreno, algumas de maneira direta e outras como intermediárias.

O entorno da área, principalmente do Setor Res. Pedro Ludovico, é constituído basicamente por edifícios residenciais, seguido por uma faixa comercial e de prestação de serviço às margens da Av. José Sarney. Já a região do Setor Jamil Miguel 2ª Etapa (ao norte do terreno) ainda se encontra sem muita ocupação por ser um bairro mais recente.

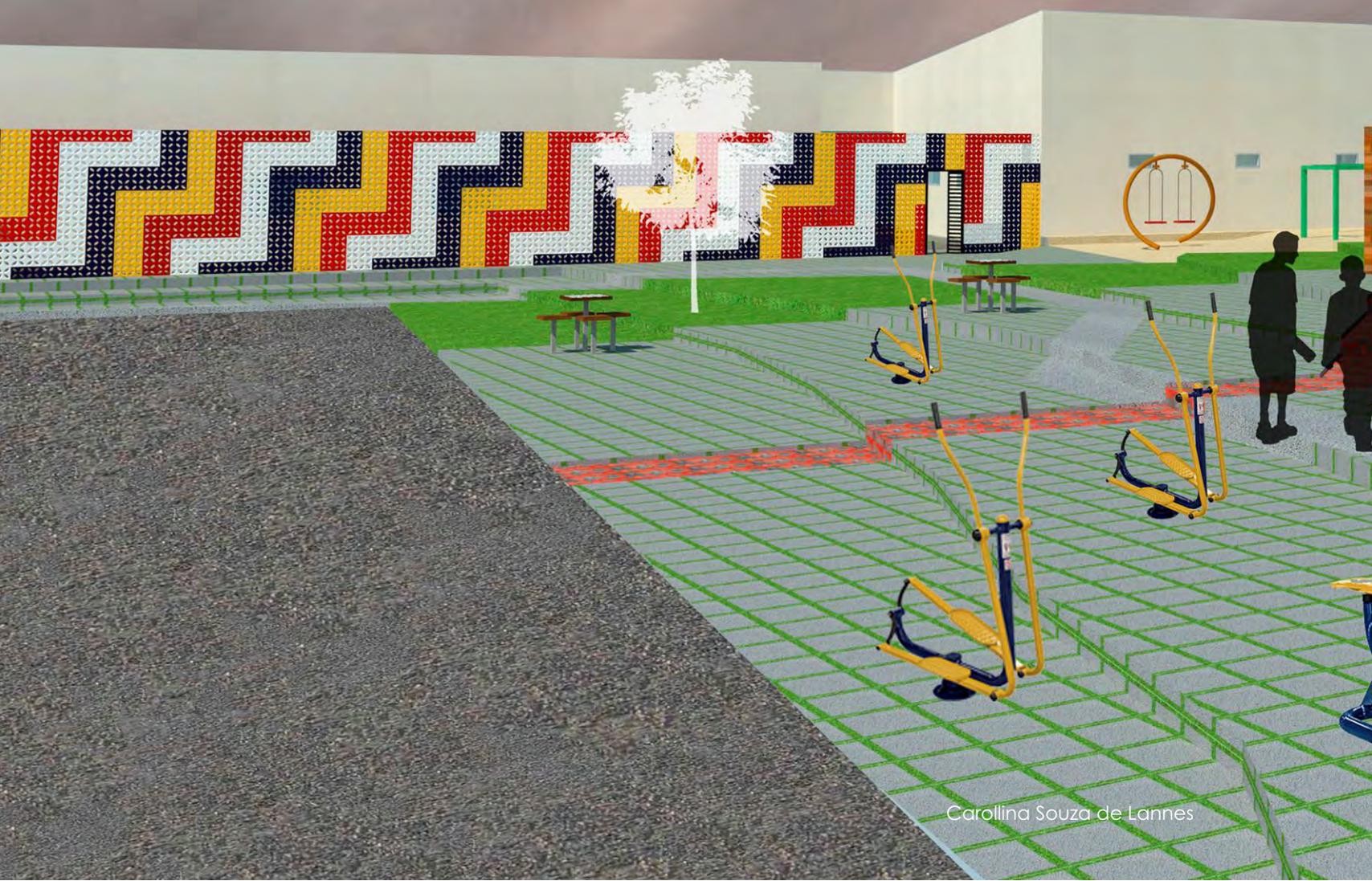
A escolha da área foi respaldada nas recomendações para a instalação dos Abrigos Institucionais, onde a edificação deve estar inserida em área residencial com estrutura para subsistência no local.

Por ser uma região mais residencial, a maioria das edificações são térreas, tendo uma concentração de volumetria mais alta nos galpões que se encontram nas Av. José Sarney. Além dos galpões que têm pé direito duplo, a altura das edificações não passa de 2 pavimentos. Além disso há ainda uma grande parcela de lotes vagos ao norte do terreno, no setor Jamil Miguel 2ª Etapa, que agora que está recebendo suas primeiras ocupações.

# O PROJETO

A arquitetura do abrigo institucional deve ser pensada de maneira a atender aos requisitos pré definidos pelas Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. No entanto isso não impede que o projeto seja ícone de destaque e referência. Por isso o intuito é criar um espaço atraente, que remeta interiormente ambientes residenciais com uma arquitetura diferenciada que concilie a privacidade de uma moradia e o contato direto com a sociedade.

Seguindo esse conceito, o projeto conta ainda com um Núcleo de Cultura e uma praça no mesmo terreno, criando os mecanismos necessários de inserção social não só para as crianças e adolescentes abrigados, como também para a comunidade local. Além desses equipamentos, há ainda um parque ambiental frente ao terreno, que também influenciara nas diretrizes e agregará valor ao projeto.



Parque  
*Questão ambiental*

Moradia  
*Projeto de acolhimento*

Praça  
*Elo de ligação*

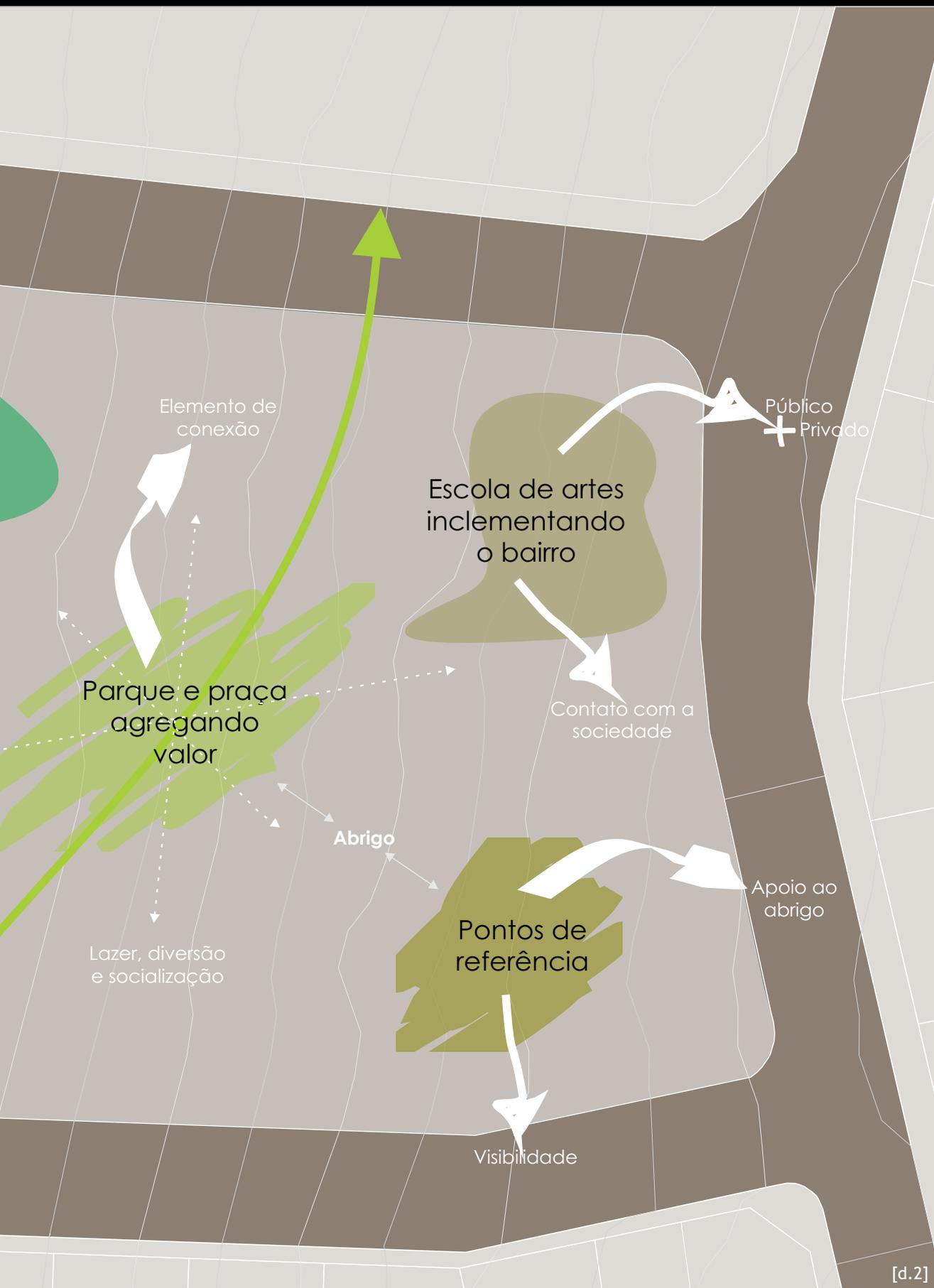
Cultura  
*Projeto social*



Espaço de acolhimento e inclusão social para crianças e adolescentes em Anápolis

# SÍNTESE DO DIAGNÓSTICO DO LUGAR





LEGENDAS:

[d.2]: Diagrama síntese do diagnóstico do lugar. Fonte: Carolína Souza de Lannes, 2017.

[d.2]

## O PROGRAMA

LEGENDAS:

[g.7]-[g.10]: Gráficos com a relação dos ambientes do Abrigo Infantil e suas respectivas áreas. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

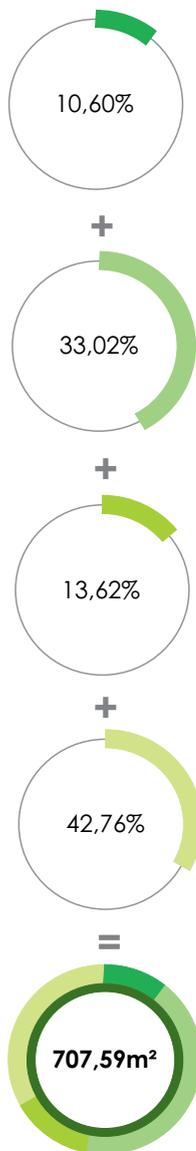
[g.11]: Gráfico com a porcentagem de ocupação de cada setor. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

O programa do abrigo foi distribuído com base nos ensinamentos propostos no livro 'Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, onde diz:

“Deve ofertar atendimento personalizado e em pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário das crianças e adolescentes atendidos, bem como a utilização dos equipamentos e serviços disponíveis na comunidade local. (...) Devem ser evitadas especializações e atendimentos exclusivos - tais como adotar faixas etárias muito estreitas, direcionar

o atendimento apenas a determinado sexo, atender exclusivamente ou não atender crianças e adolescentes com deficiência ou que vivam com HIV/AIDS. ” (Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, Brasília, 2009).

Dessa forma e por este motivo, o programa é voltado para atender até 20 crianças e/ou adolescentes, que é o máximo recomendado, de ambos os sexos, sem priorização de idade, deficiência ou qualquer tipo de excessões.



[g.11]

### Entidade de acolhimento



[g.7]



[g.8]



[g.9]



[g.10]



[g.12]

As normas técnicas também exigem uma equipe mínima de profissionais atuantes na instituição, assim como apresentam um modelo base de infra-estrutura mínima necessária, sendo eles:

- Equipe Profissional: Coordenador(1); Equipe Técnica (2 profissionais de nível superior para atendimento a até 20 crianças e adolescentes); Educador/Cuidador (1 profissional para até 10 usuários, por turno); Auxiliar de educador/Cuidador (1 profissional para até 10 usuários, por turno).

- Infra-estrutura: Quartos; Sala de Estar ou similar; Sala de Jantar/Copa; Ambiente para estudo; Banheiro; Cozinha; Área de Serviço; Área Externa; Sala para equipe técnica; Sala de coordenação/atividades administrativas; Sala/espço para reuniões.

Tendo em vista todas essas especificações, o programa foi desenvolvido para acomodar todos esses requisitos, assim como incluir outros que não estavam especificados, mas que também se fazem necessários.

Pois, mais do que estética, uma boa arquitetura deve apresentar ambientes agradáveis, funcionais e adequados às necessidades exigidas para cada ambiente, sendo assim é primordial o planejamento de cada uso e suas dependências. Sendo assim, com base nas orientações do livro, nos levantamento dos lares de acolhimento presentes na cidade de Anápolis e mediante as deficiências encontradas em cada um, o programa aqui desenvolvido buscou suprir cada uma dessas necessidades.

LEGENDAS:

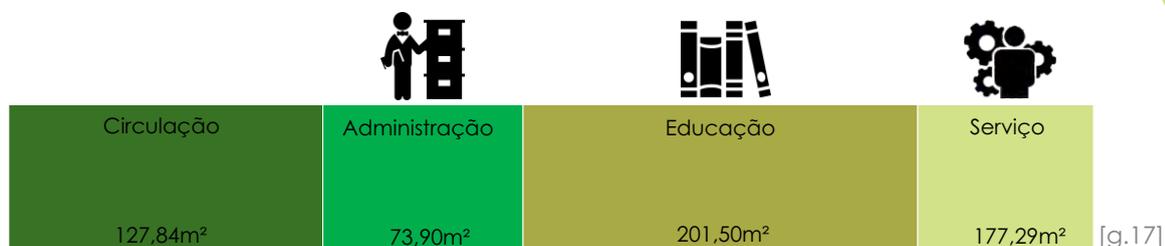
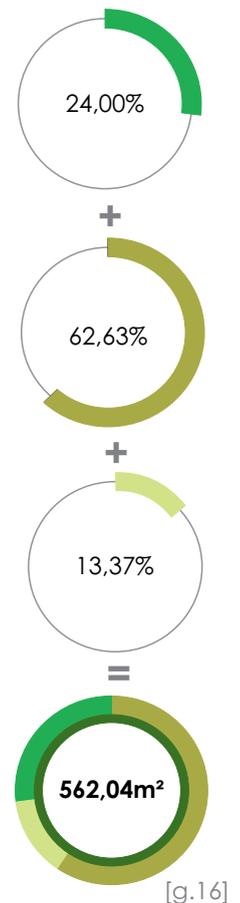
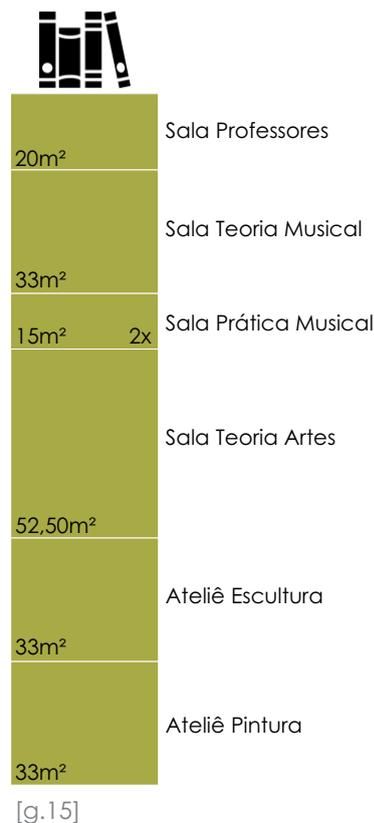
[g.12]: Gráfico com área total de cada setor do Abrigo Infantil. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[g.13]-[g.15]: Gráficos com a relação dos ambientes da Escola de Artes e suas respectivas áreas. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

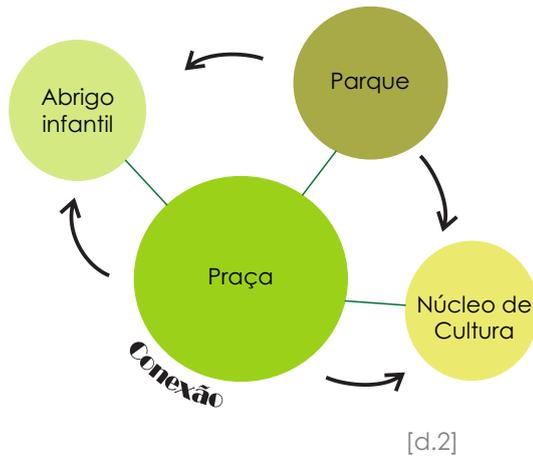
[g.16]: Gráfico com a porcentagem de ocupação de cada setor da Escola de Artes. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[g.17]: Gráfico com área total de cada setor do Abrigo Infantil. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

### Núcleo de Cultura



## IMPLANTAÇÃO E SETORIZAÇÃO



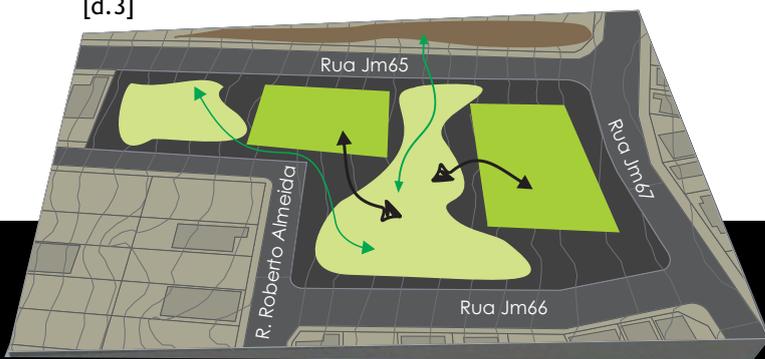
[d.2]

O objetivo principal do projeto é conectar os edifícios e seu entorno privilegiado - a praça e o parque, de maneira que haja **interação** e **conexão** entre os quatro.

Sendo assim, a praça deve estar diretamente conectada ao parque, se ligando a três diferentes vias, o que torna seu acesso fácil e rápido.

A geometria dos edifícios foi pensada para que essa interação acontecesse. O abrigo teve recortes feitos em seu volume de maneira a gerar pátios internos com ligação direta para a praça e outro para o parque. O Núcleo de Cultura é um complemento do abrigo tanto em planta, quanto na volumetria e funcionalidade. Seguindo o ideal de conexão entre os dois edifícios. Portanto apresenta geometria um pouco diferente, mas com a mesma intenção de fachadas voltadas para o parque e praça.

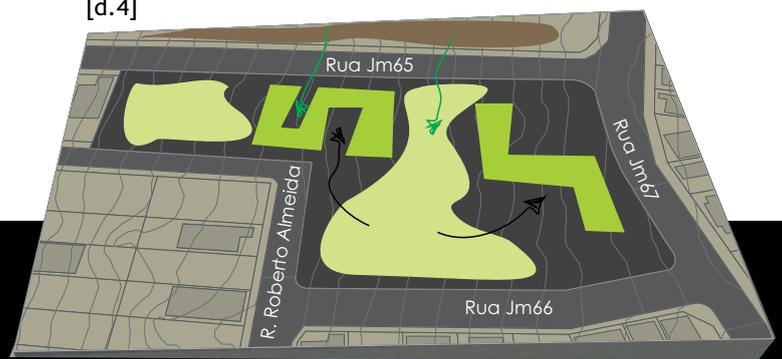
[d.3]



■ Edifícios ■ Praça ■ Parque negligenciado

O abrigo infantil foi posicionada mais à esquerda do terreno, de frente para o parque, reforçando a intenção de ligação entre praça - edifício - parque. Já o Núcleo de Cultura foi implantado à direita, de maneira a confrontar com a Rua Jm 67 - a principal dentre as confrontantes e por onde passa a linha de ônibus, e com a Rua Jm 65. Dessa forma, ambos edifícios terão acessos por duas vias.

[d.4]



■ Edifícios ■ Praça ■ Parque negligenciado

A própria geometria dos edifícios facilita a interação e relação com a praça e todo seu entorno, além de serem complementares esteticamente e funcionalmente. Uma vez que o Núcleo de Cultura age diretamente como meio de inclusão social para as crianças e adolescentes abrigados.

Assim como na implantação, buscou-se privilegiar as fachadas confrontantes com a praça e o parque com mecanismos de transparência, a fim de aumentar a relação interior-externo, pois esta deve ocorrer de maneira direta e contínua entre eles. Dessa maneira, a proposta é de que a praça adentre os edifícios, garantindo um diálogo e maior relação entre o abrigo, a praça e o Núcleo de Cultura.

Sem deixar as condicionantes naturais de lado, a implantação dos ambientes internos segue esse raciocínio sem interferir no conceito de interação. Dessa forma as áreas molhadas e de serviços foram dispostas onde há maior índice de insolação. As administrações foram voltadas para as vias de acesso e as demais áreas implantadas de maneira a gerar a maior interação com o exterior possível.

LEGENDAS:

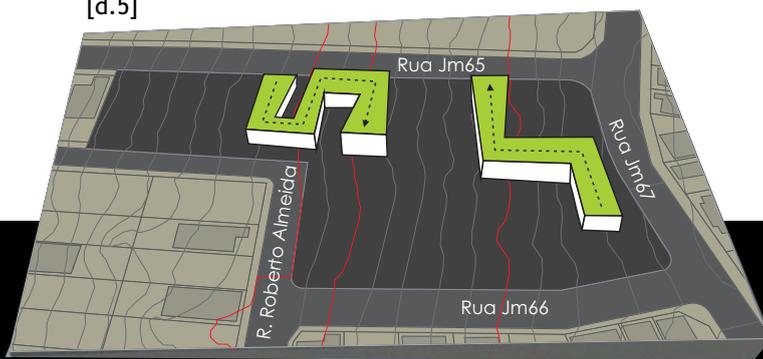
[d.3]: Diagrama da intenção de ligação entre os elementos do projeto. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.4]: Diagrama de implantação e geometria dos edifícios. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.5]: Diagrama de volumetria do edifício com níveis da topografia usados. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

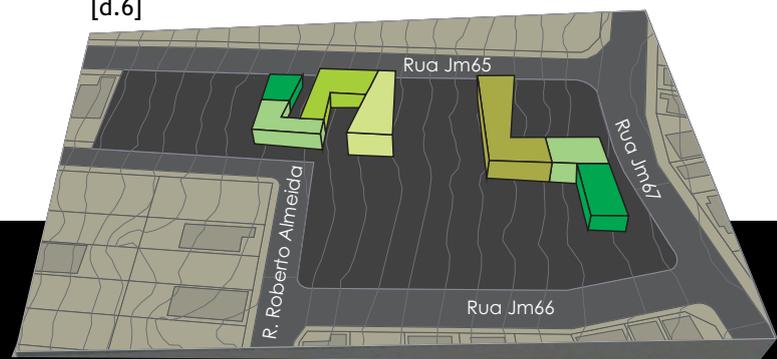
[d.6]: Diagrama de setorização do edifício. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.5]



■ Edifícios ■ Nível de implantação do edifício

[d.6]

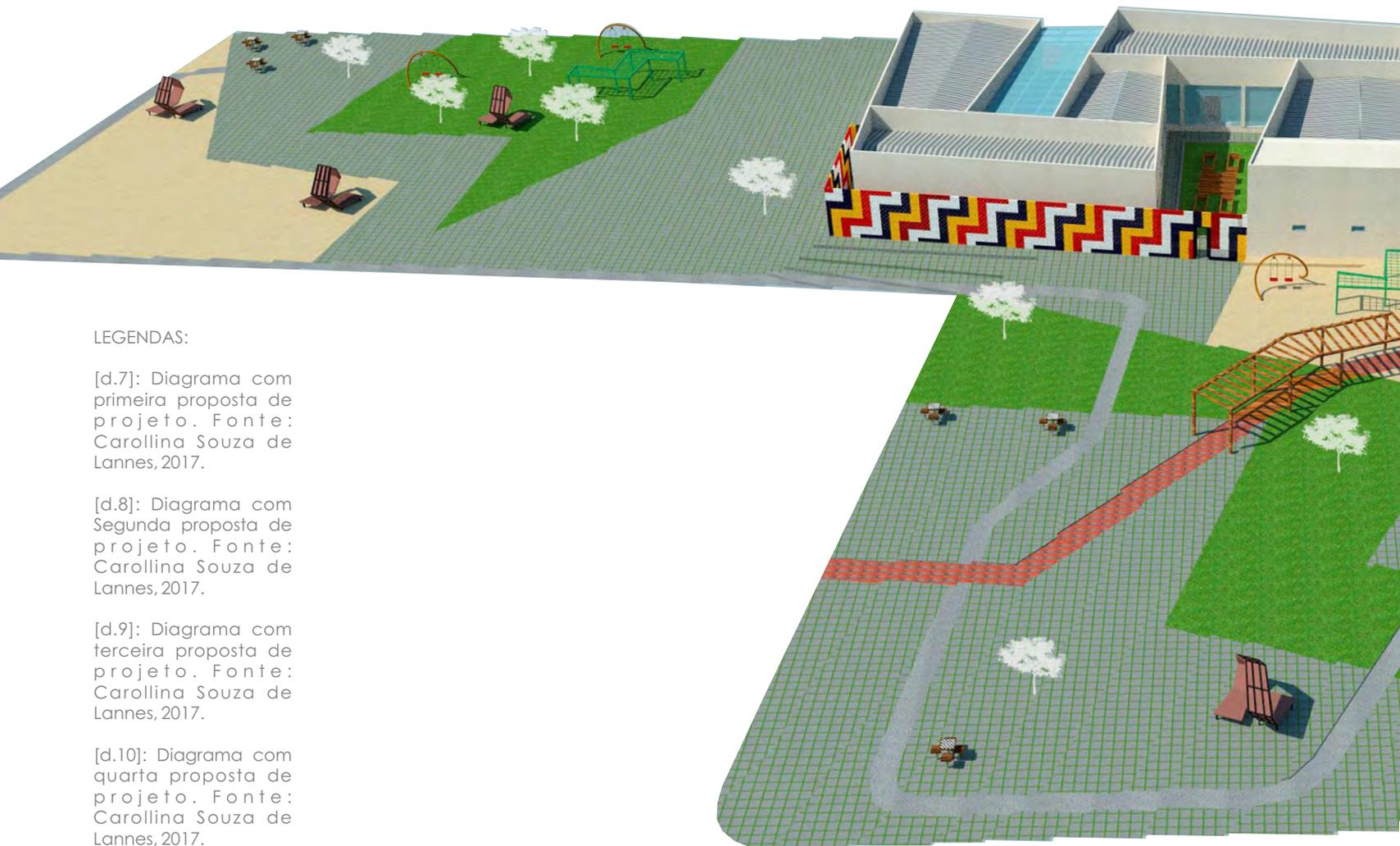
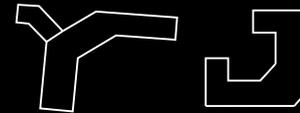
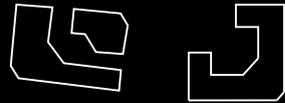
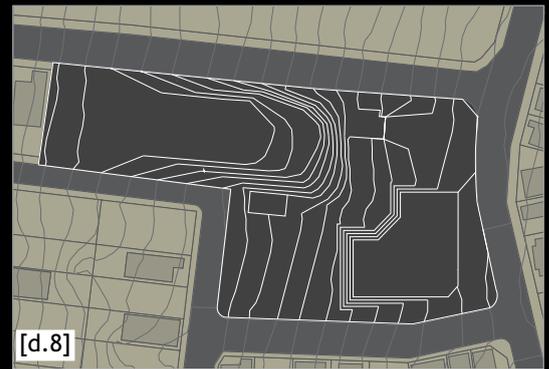
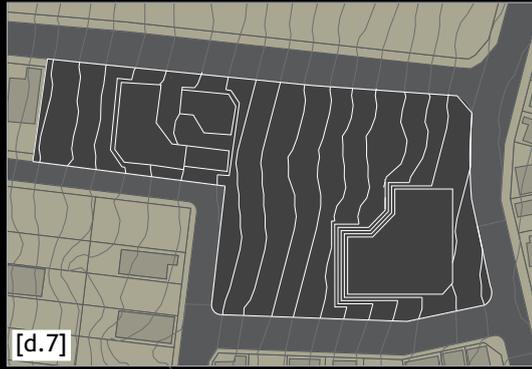


■ Administração ■ Serviço ■ Convívio ■ Íntimo ■ Ensino

A fim de aproveitar o declive da topografia, os edifícios são dispostos em níveis diferentes. E para gerar uma ideia de movimento na volumetria, ambos edifícios têm as platibandas inclinadas e com alturas diferentes.

A setorização dos dois edifícios segue uma linha de organização convencional entre os ambientes, com o diferencial de ligação interior-externo através dos mecanismos de transparência.

# O PROCESSO



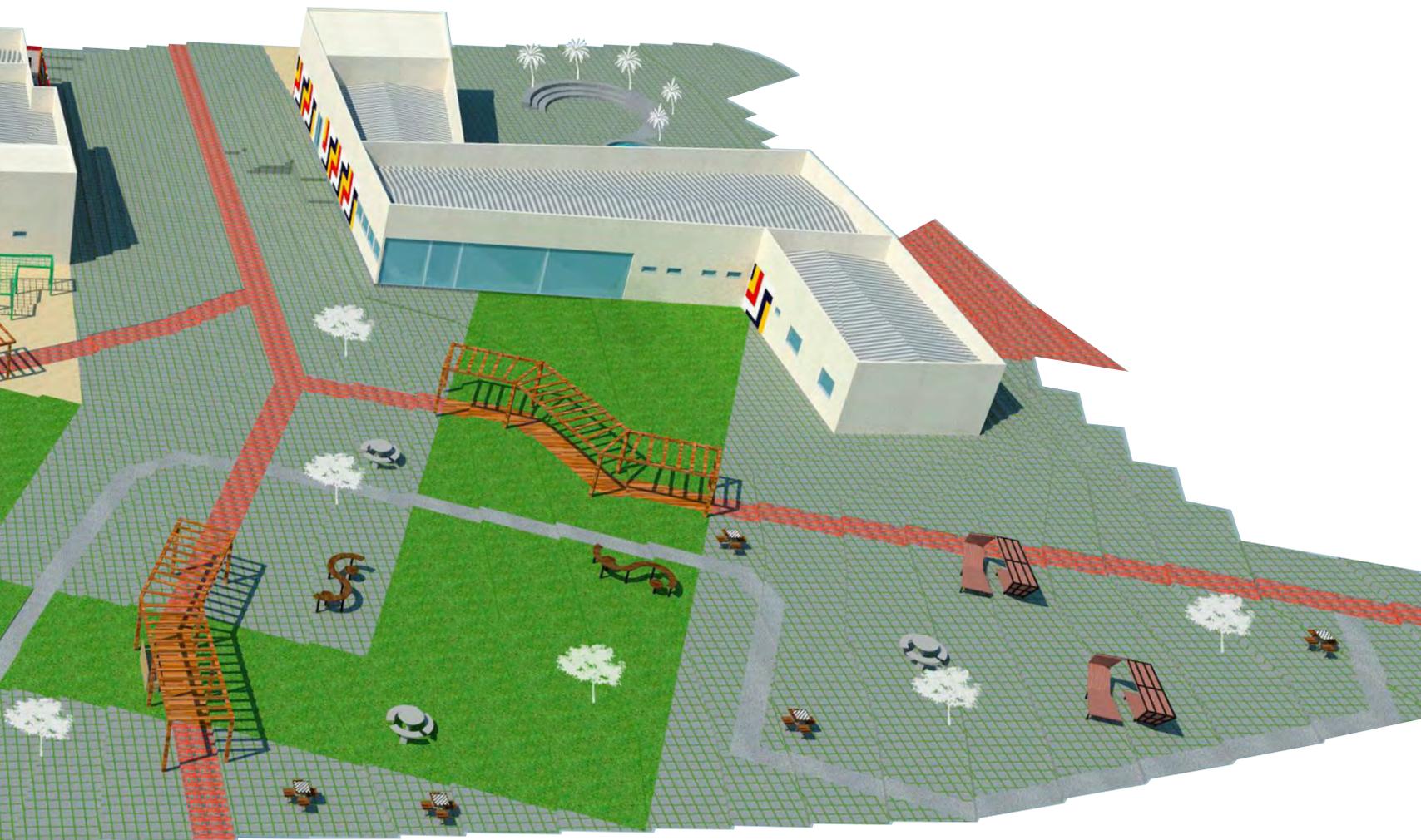
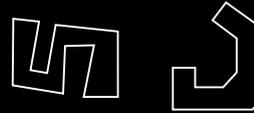
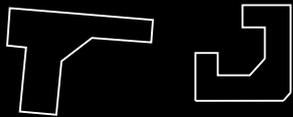
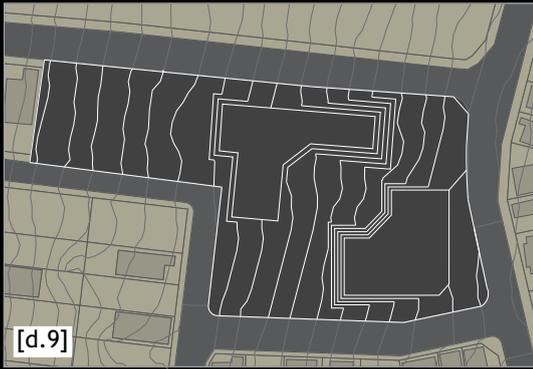
## LEGENDAS:

[d.7]: Diagrama com primeira proposta de projeto. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.8]: Diagrama com Segunda proposta de projeto. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.9]: Diagrama com terceira proposta de projeto. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.10]: Diagrama com quarta proposta de projeto. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.



Espaço de acolhimento e inclusão social para crianças e adolescentes em Anápolis

1047

1048

1049

1050

1051



Legenda:

- 01 Praça
- 02 Estacionamento da entidade de acolhimento
- 03 Entidade de acolhimento infantil
- 04 Núcleo de cultura
- 05 Estacionamento do núcleo de cultura
- 06 Parque ambiental desativado

Telha trapezoidal termoacústica  $i=5\%$



Telha de vidro de plo temperado  $i=5\%$



0

5

15



1052

1053

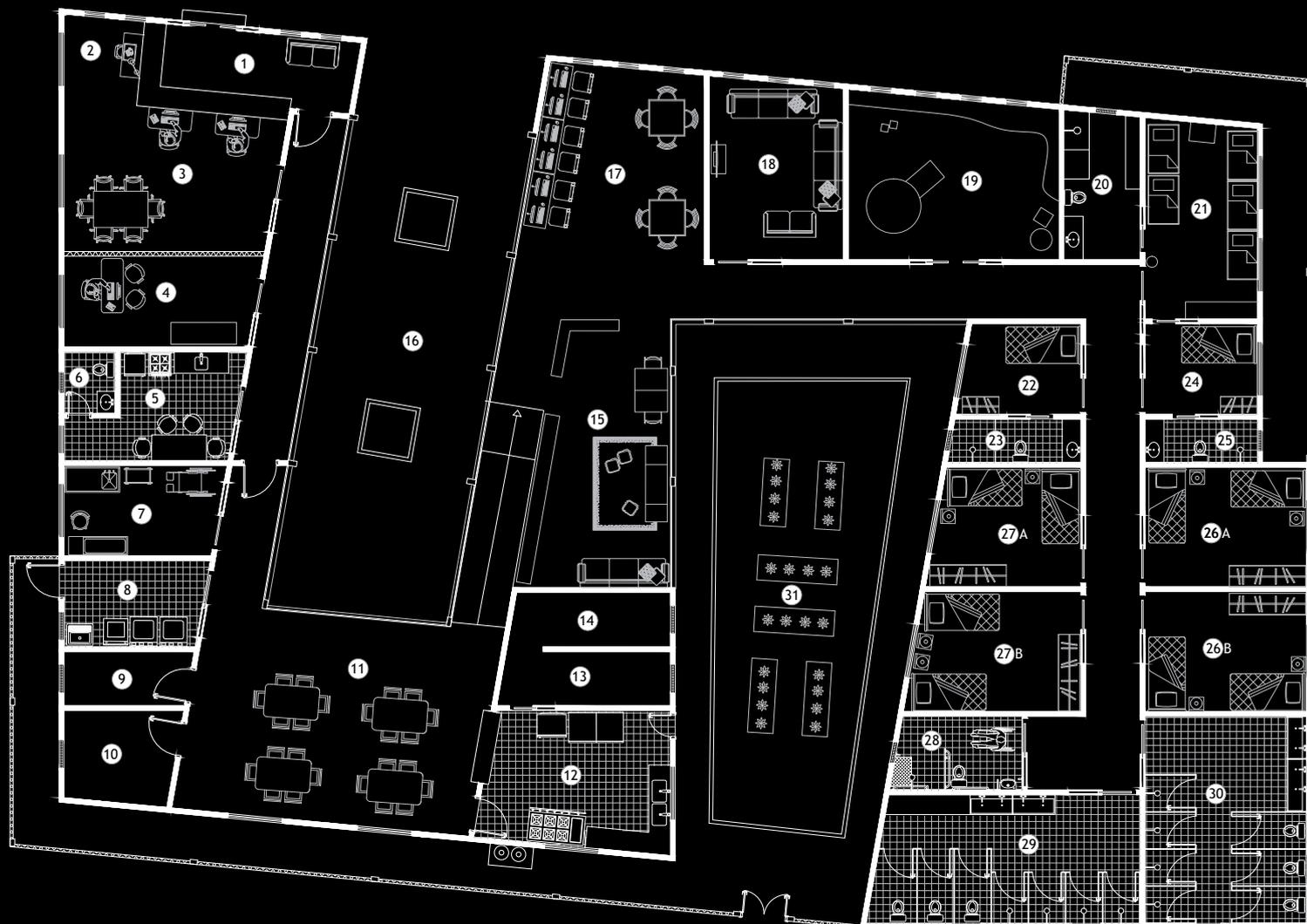
1054

1055

1056

6





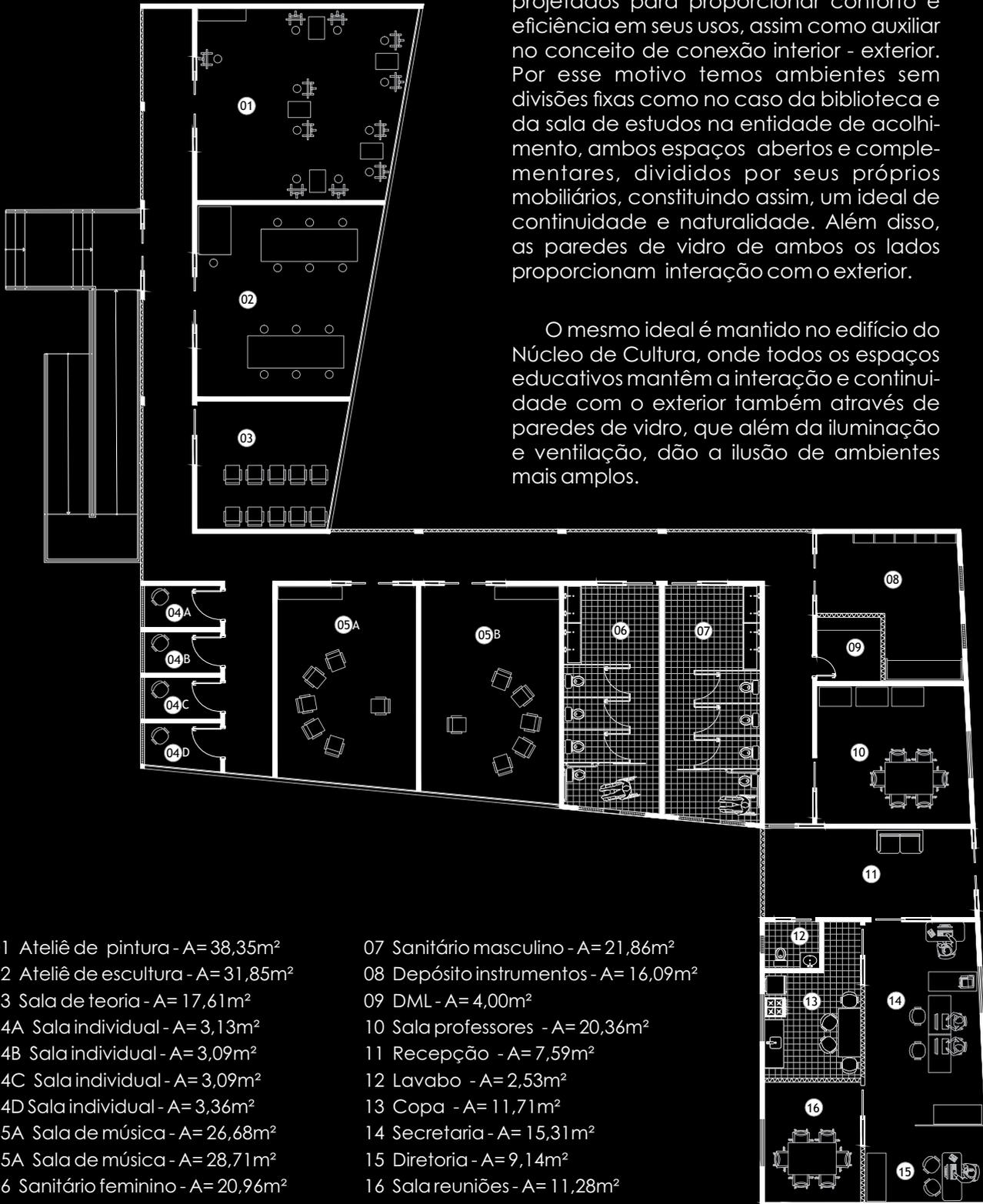
Planta baixa edifício de acolhimento 0 2 5

- 01 Recepção - A= 11,22m<sup>2</sup>
- 02 Financeiro - A= 4,86m<sup>2</sup>
- 03 Secretária - A= 25,01m<sup>2</sup>
- 04 Diretoria - A= 13,21m<sup>2</sup>
- 05 Copa - A= 11,52m<sup>2</sup>
- 06 Lavabo - A= 2,40m<sup>2</sup>
- 07 Enfermaria - A= 10,68m<sup>2</sup>
- 08 Lavanderia - A= 9,08m<sup>2</sup>
- 09 DML - A= 5,19m<sup>2</sup>
- 10 Depósito doações - A= 7,82m<sup>2</sup>
- 11 Refeitório - A= 46,62m<sup>2</sup>
- 12 Cozinha - A= 18,98m<sup>2</sup>
- 13 Depósito secos - A= 7,12m<sup>2</sup>
- 14 Depósito molhados - A= 6,69m<sup>2</sup>
- 15 Biblioteca - A= 27,27m<sup>2</sup>
- 16 Pátio aberto - A= 78,13m<sup>2</sup>
- 17 Sala de estudos - A= 25,15m<sup>2</sup>

- 18 Sala de TV - A= 18,08
- 19 Brinquedoteca - A= 25,68m<sup>2</sup>
- 20 Sanitário berçário - A= 8,48m<sup>2</sup>
- 21 Berçário - A= 16,74m<sup>2</sup>
- 22 Alojamento cuidador masculino - A= 7,98m<sup>2</sup>
- 23 Sanitário cuidador masculino - A= 4,28m<sup>2</sup>
- 24 Alojamento cuidadora feminino - A= 7,44m<sup>2</sup>
- 25 Sanitário cuidado feminino - A= 3,72m<sup>2</sup>
- 26A Dormitório feminino - A= 14,54m<sup>2</sup>
- 26B Dormitório feminino - A= 14,62m<sup>2</sup>
- 27A Dormitório masculino - A= 13,02m<sup>2</sup>
- 27B Dormitório masculino - A= 15,17m<sup>2</sup>
- 28 Sanitário deficientes físicos - A= 7,09m<sup>2</sup>
- 29 Sanitário feminino - A= 25,57m<sup>2</sup>
- 30 Sanitário masculino - A= 25,36m<sup>2</sup>
- 31 Horta educativa - 53,81m<sup>2</sup>

Os ambientes dos edifícios foram projetados para proporcionar conforto e eficiência em seus usos, assim como auxiliar no conceito de conexão interior - exterior. Por esse motivo temos ambientes sem divisões fixas como no caso da biblioteca e da sala de estudos na entidade de acolhimento, ambos espaços abertos e complementares, divididos por seus próprios mobiliários, constituindo assim, um ideal de continuidade e naturalidade. Além disso, as paredes de vidro de ambos os lados proporcionam interação com o exterior.

O mesmo ideal é mantido no edifício do Núcleo de Cultura, onde todos os espaços educativos mantêm a interação e continuidade com o exterior também através de paredes de vidro, que além da iluminação e ventilação, dão a ilusão de ambientes mais amplos.



- 01 Ateliê de pintura - A=38,35m<sup>2</sup>
- 02 Ateliê de escultura - A=31,85m<sup>2</sup>
- 03 Sala de teoria - A=17,61m<sup>2</sup>
- 04A Sala individual - A=3,13m<sup>2</sup>
- 04B Sala individual - A=3,09m<sup>2</sup>
- 04C Sala individual - A=3,09m<sup>2</sup>
- 04D Sala individual - A=3,36m<sup>2</sup>
- 05A Sala de música - A=26,68m<sup>2</sup>
- 05B Sala de música - A=28,71m<sup>2</sup>
- 06 Sanitário feminino - A=20,96m<sup>2</sup>

- 07 Sanitário masculino - A=21,86m<sup>2</sup>
- 08 Depósito instrumentos - A=16,09m<sup>2</sup>
- 09 DML - A=4,00m<sup>2</sup>
- 10 Sala professores - A=20,36m<sup>2</sup>
- 11 Recepção - A=7,59m<sup>2</sup>
- 12 Lavabo - A=2,53m<sup>2</sup>
- 13 Copa - A=11,71m<sup>2</sup>
- 14 Secretaria - A=15,31m<sup>2</sup>
- 15 Diretoria - A=9,14m<sup>2</sup>
- 16 Sala reuniões - A=11,28m<sup>2</sup>

Planta baixa edifício Núcleo de Cultura 0 2 5

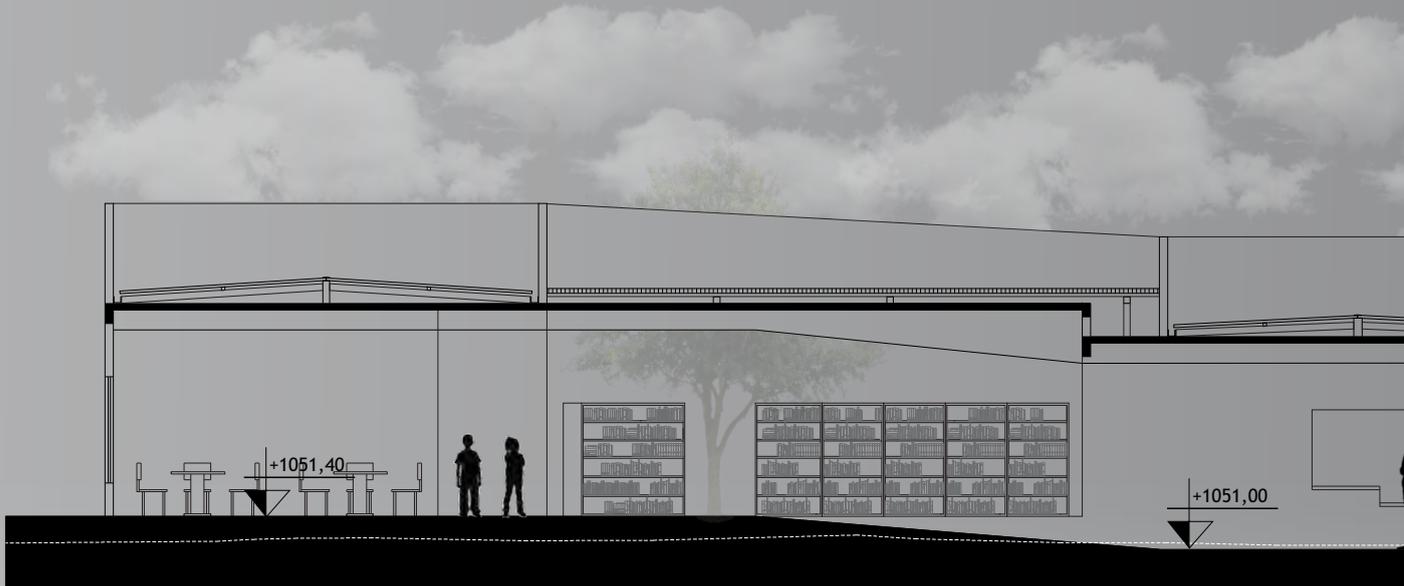
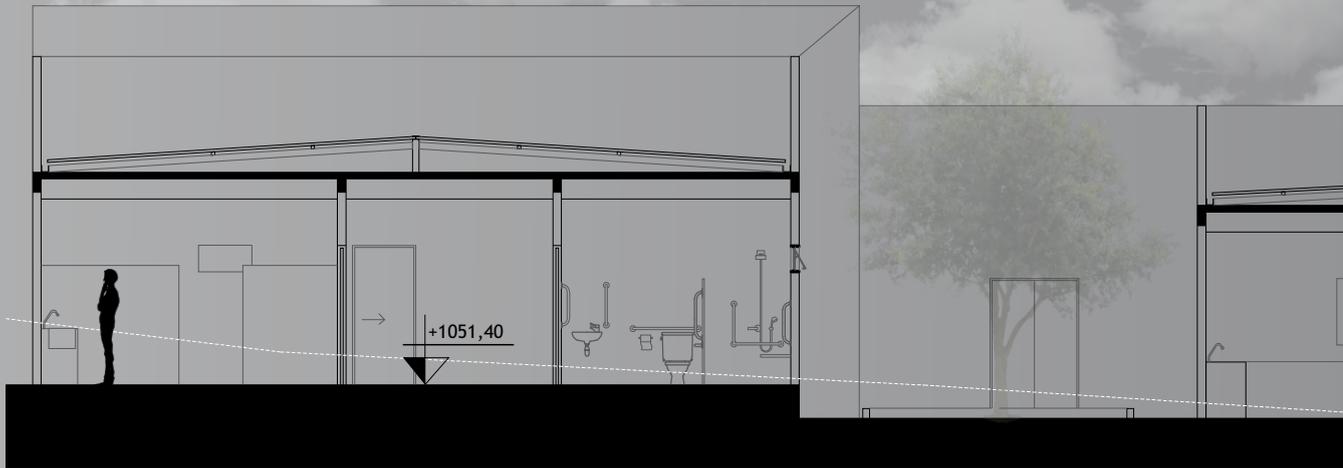
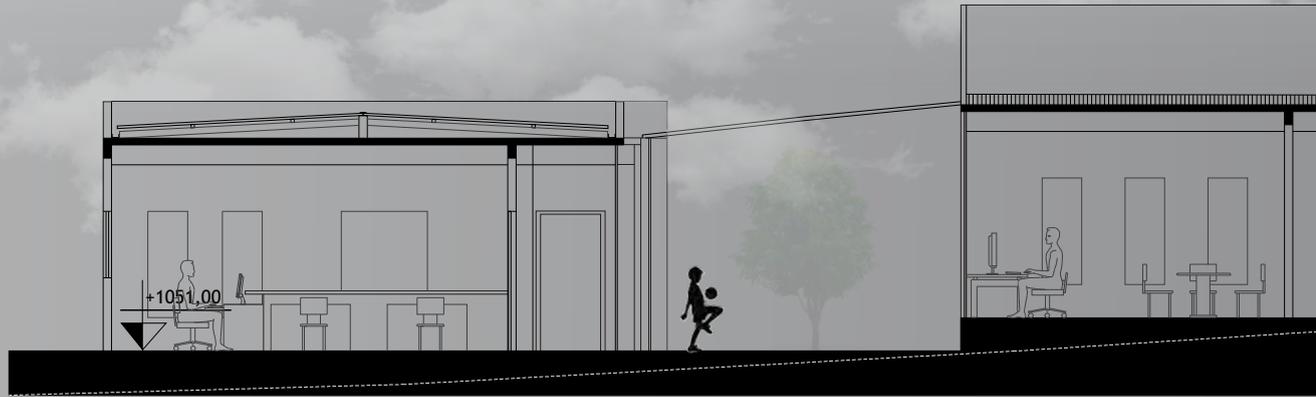
Edifício Acolhimento Institucional

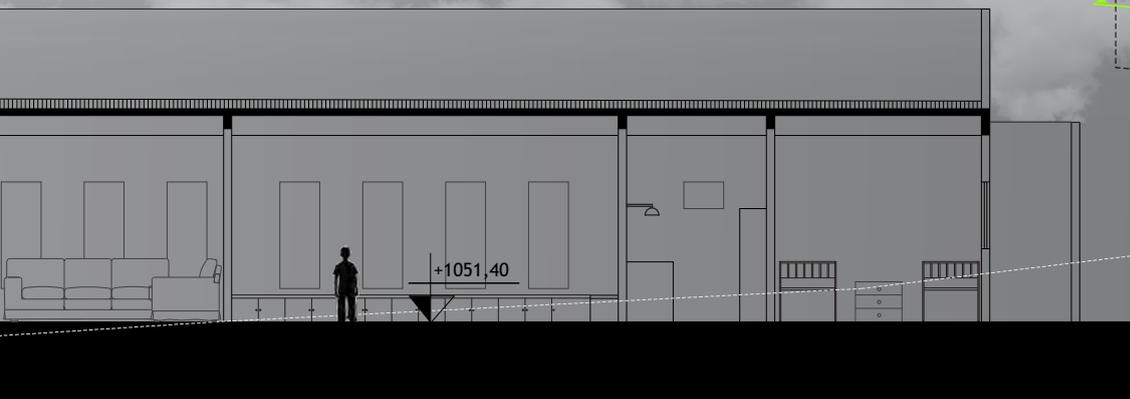


Edifício Núcleo de Cultura

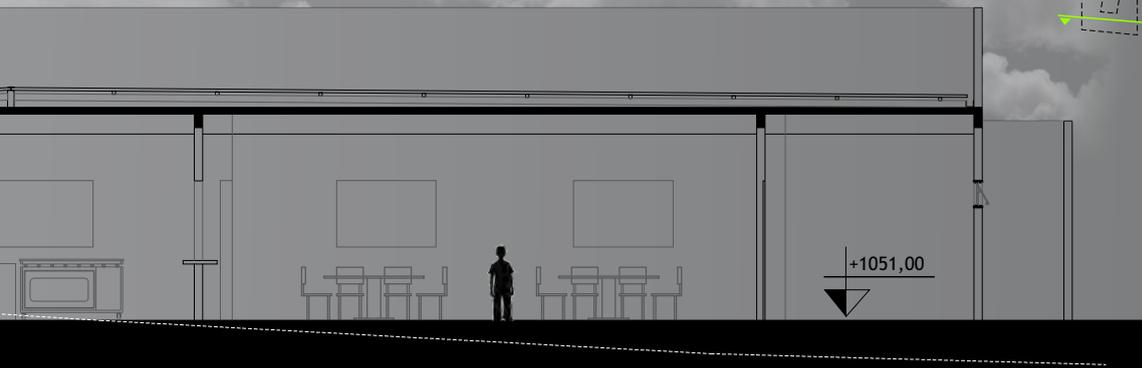


Espaço de acolhimento e inclusão social para crianças e adolescentes em Anápolis

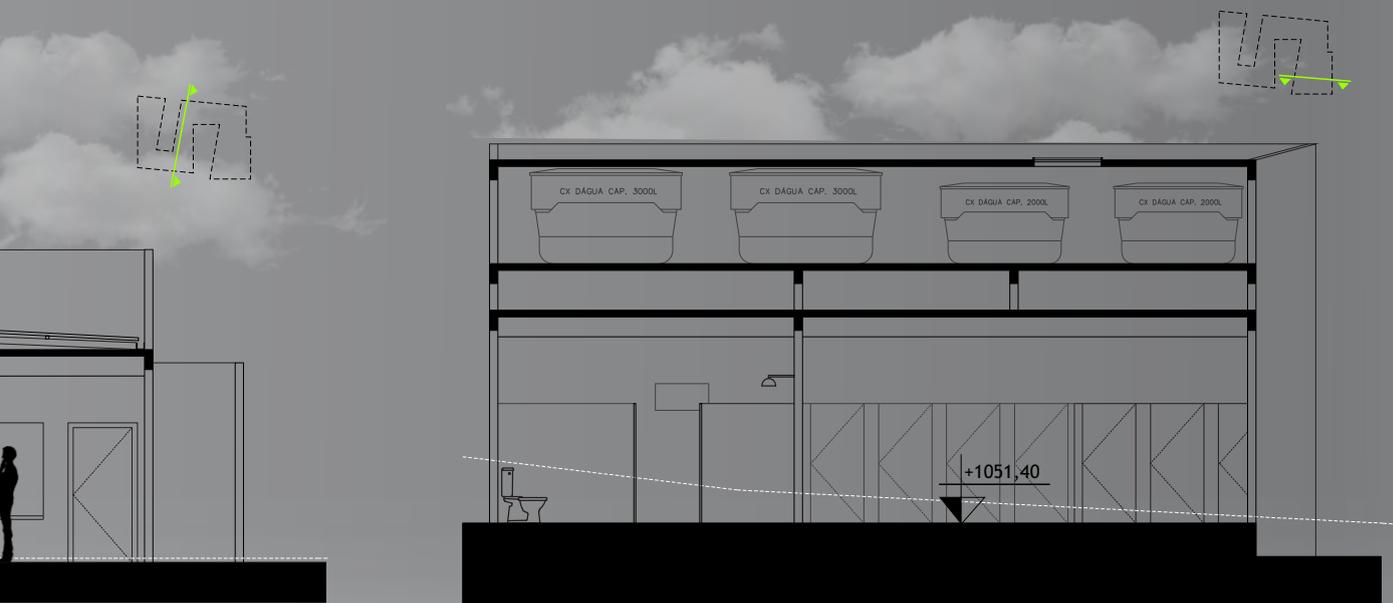




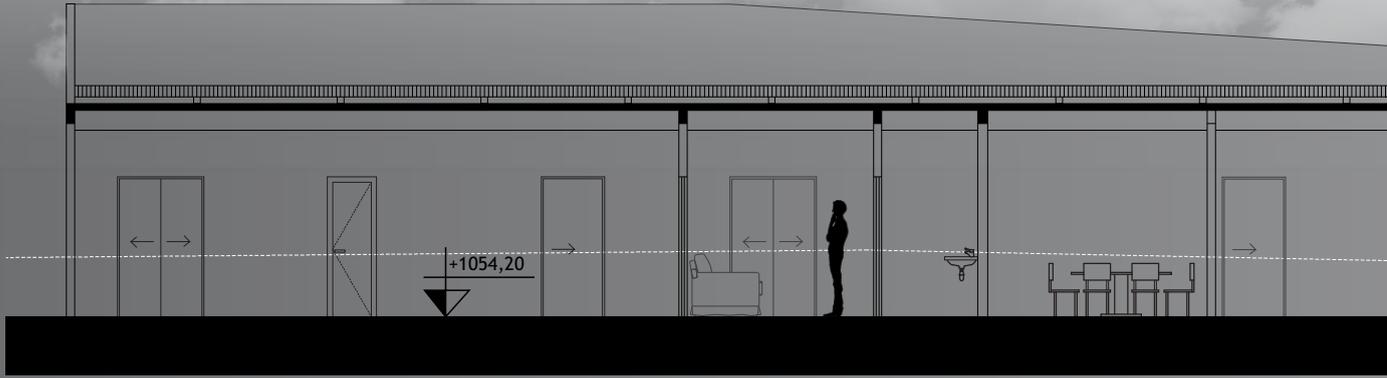
Corte 01 0 2 5



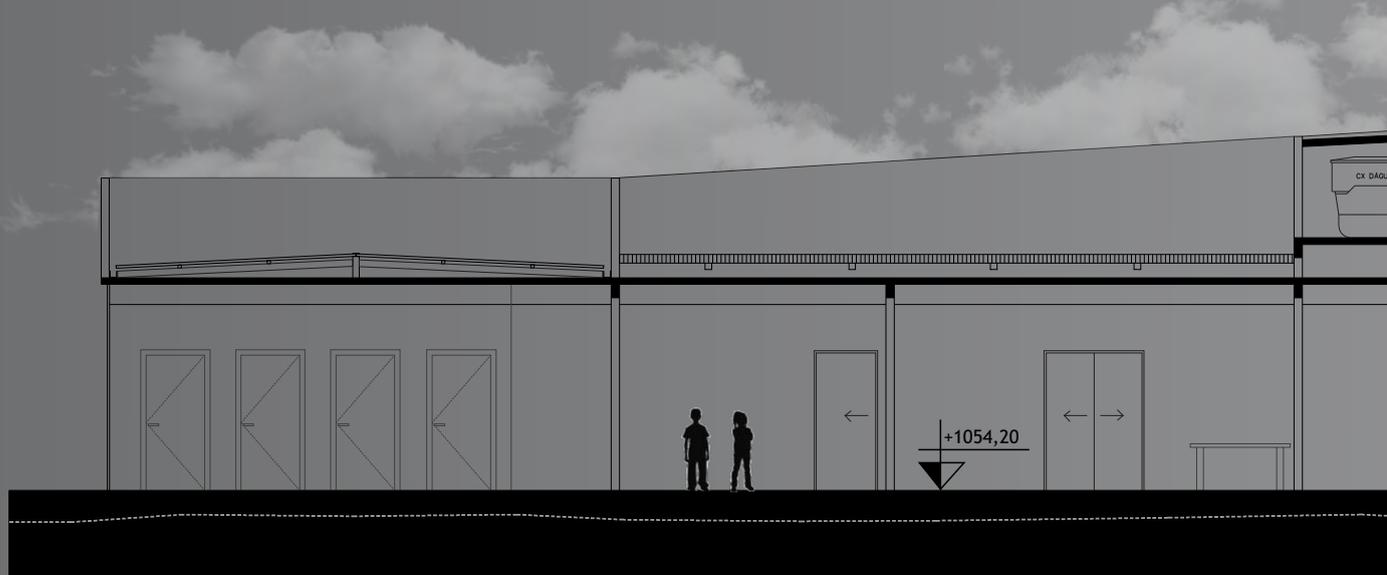
Corte 02 0 2 5



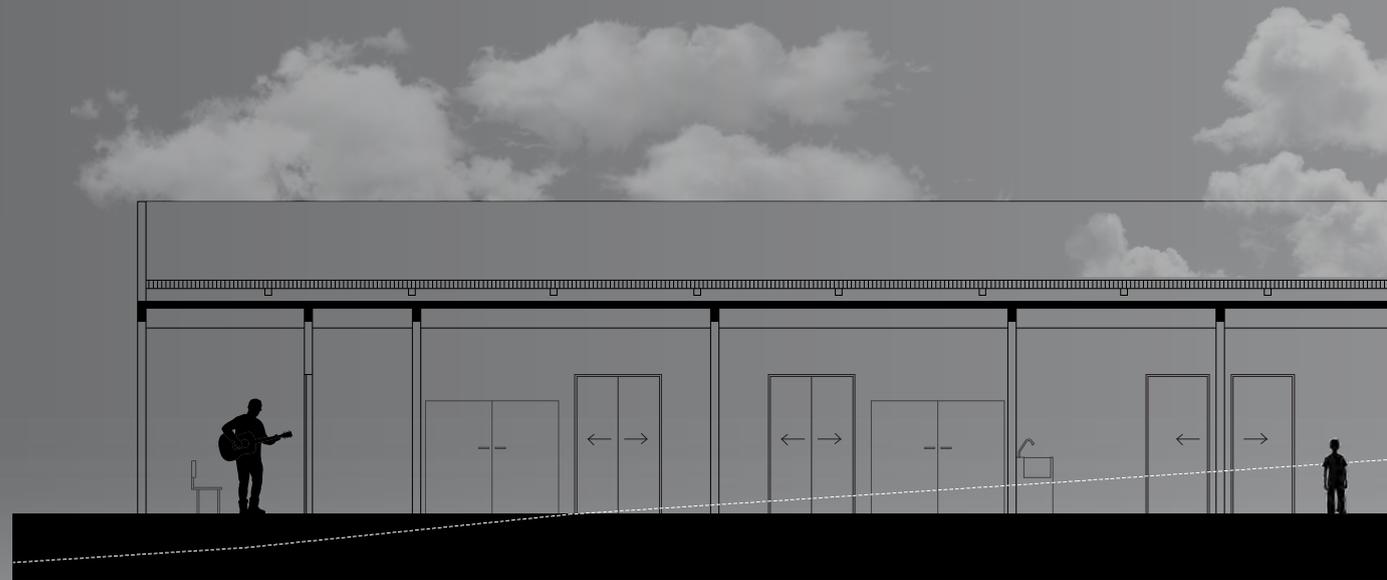
Corte 04 0 2 5



Corte 05 0 2



Corte 06





### Cálculo dos reservatórios de água

- 30 pessoas x 150L por dia =  
(média de usuários) (consumo diário)

- 4500 Litros x 2 dias =  
(total de consumo) (dias necessários)

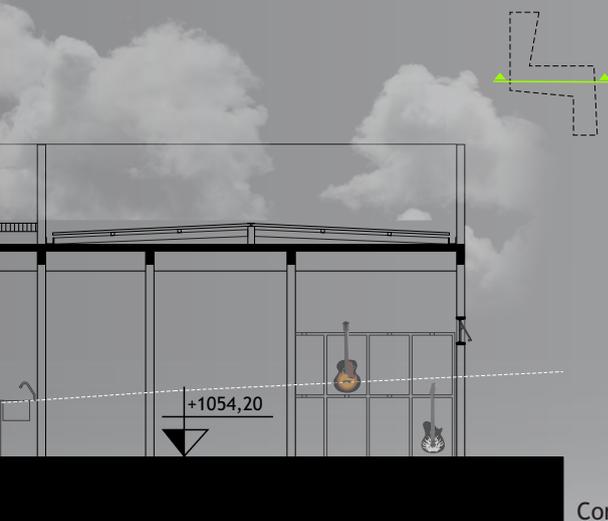
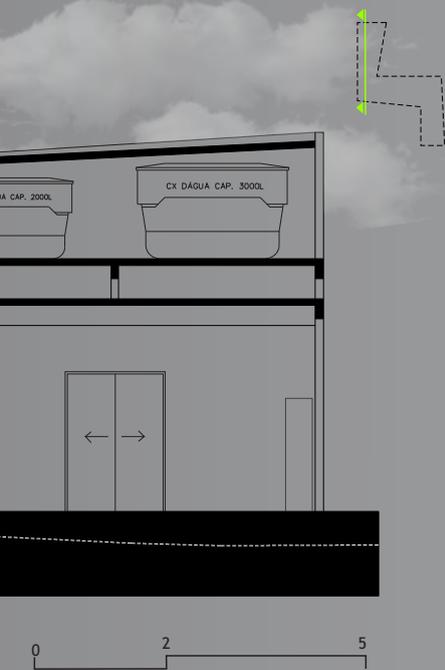
- 9000 Litros para 2 dias de consumo

+

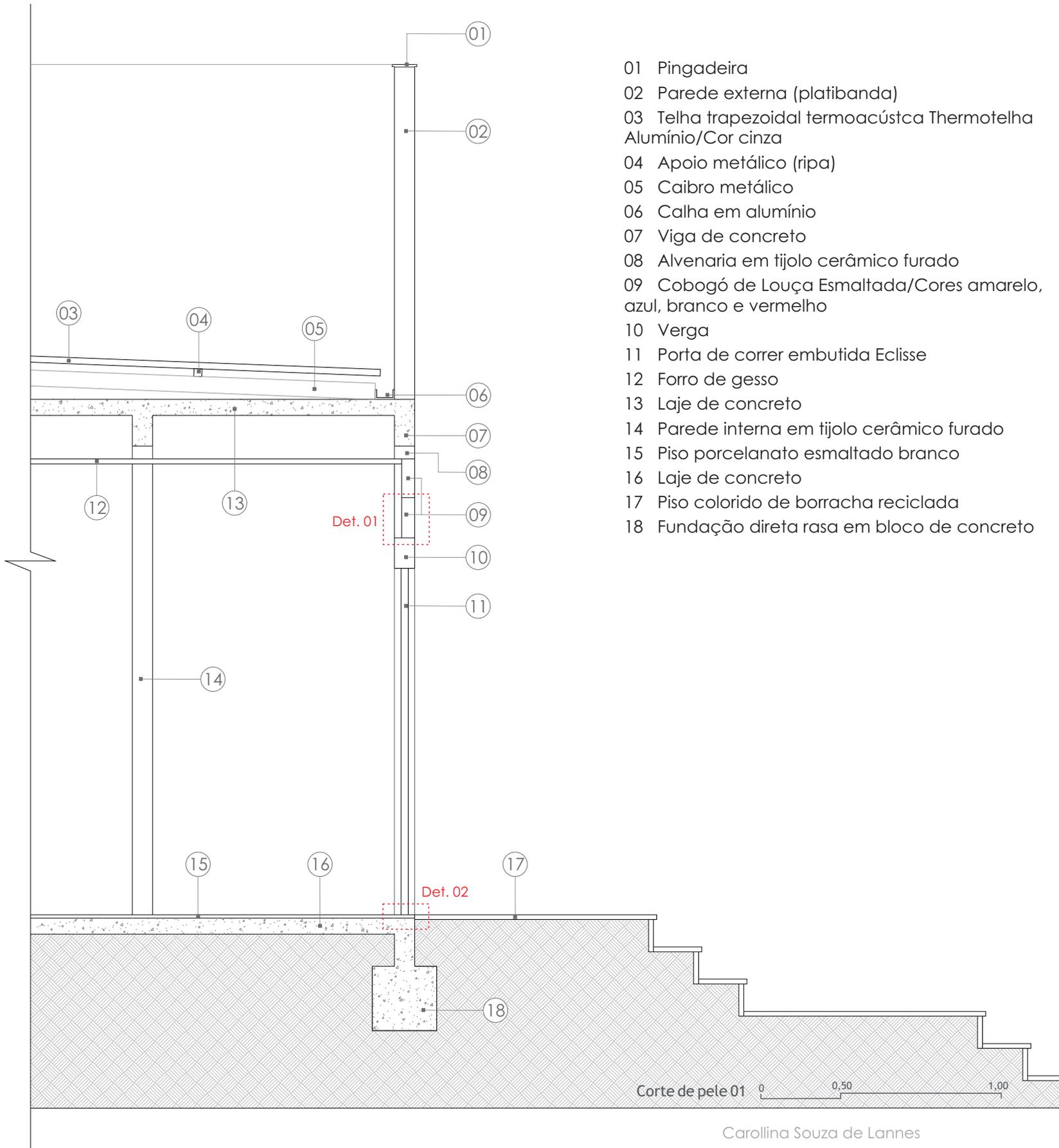
20% reservatório de incêndio

TOTAL = 10800 Litros de água

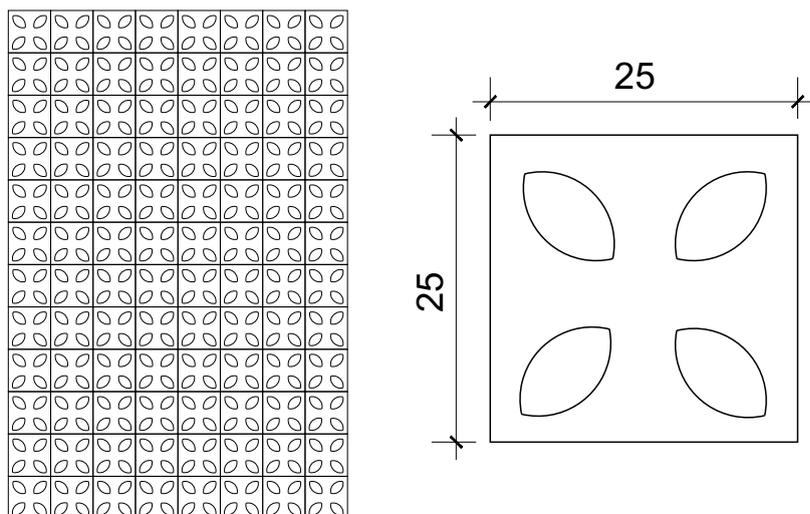
Para essa quantidade foram escolhidas três reservatórios de 3000 litros e um de 2000 litros para a reserva de incêndio.



# DETALHAMENTO

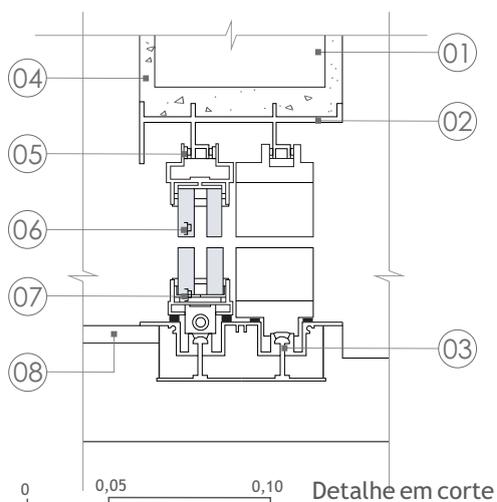


## Detalhe 01 - Cobogó de louça esmaltada

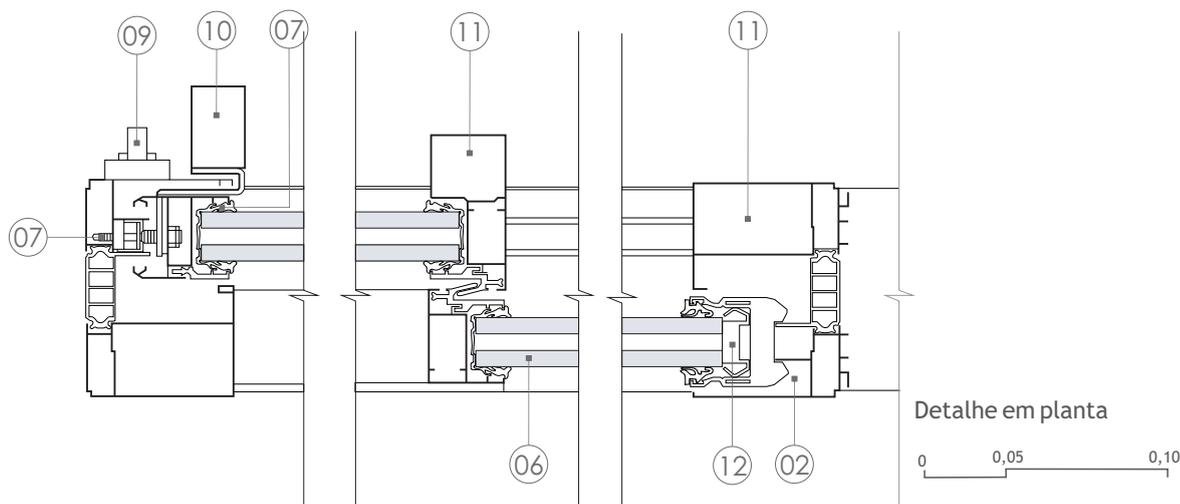


Parede de cobogó em vista 0 0,25 1,00

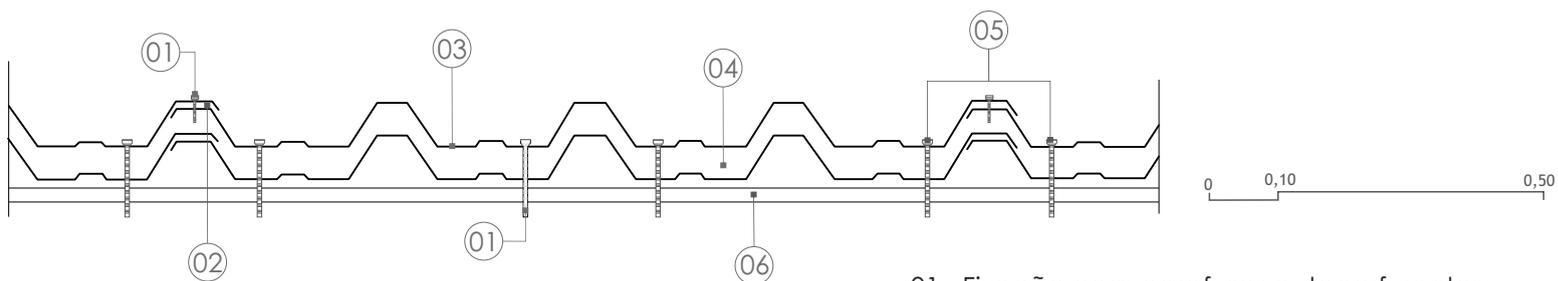
## Detalhe 02 - Encaixe trilho de alumínio para porta de correr de vidro



- 01 Tijolo cerâmico furado
- 02 Capa de acabamento em alumínio
- 03 Conjunto de fixação
- 04 Reboco
- 05 Trilho de correr
- 06 Perfil duplo de vidro
- 07 Borracha
- 08 Piso porcelanato
- 09 Fechadura
- 10 Maçaneta
- 11 Coluna de alumínio
- 12 Perfil de fixação

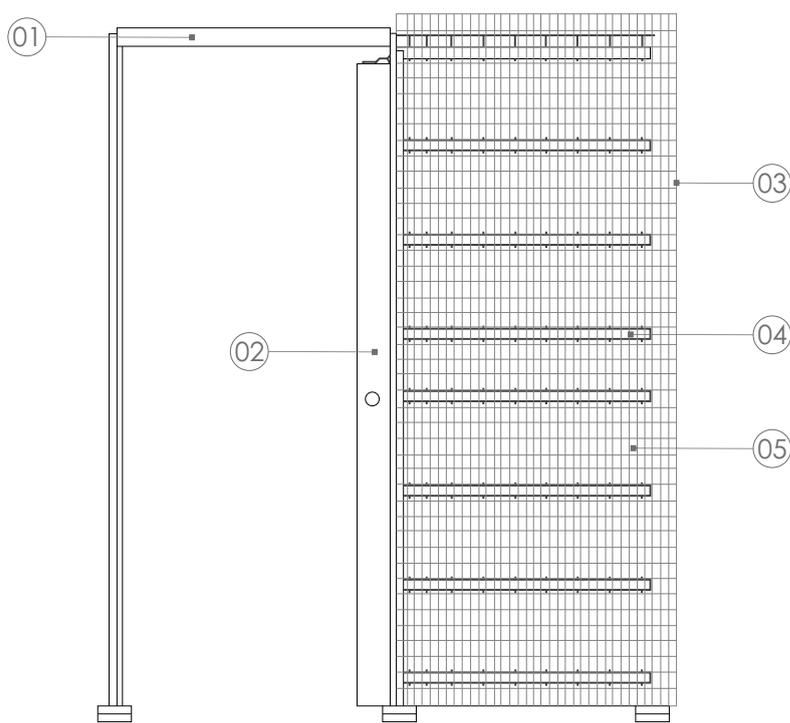


### Detalhe 04 - Telha trapezoidal termoacústica



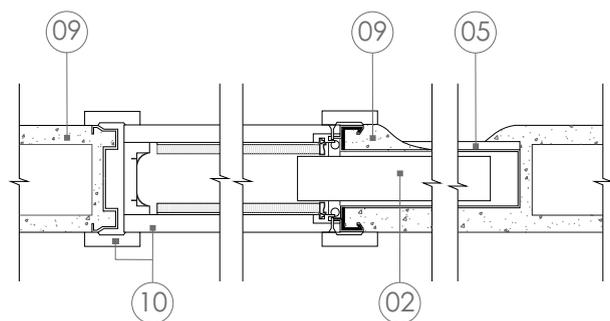
- 01 Fixação com parafusos autoperfurantes
- 02 Fita de vedação
- 03 Telha
- 04 Poliuretano
- 05 Fixação alternada
- 06 Terça metálica

### Detalhe 03 - Porta de correr embutida

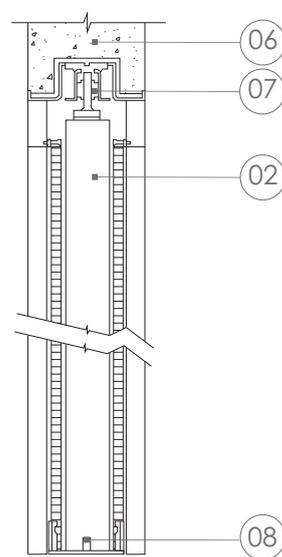


- 01 Trilho removível
- 02 Painel da porta
- 03 Grade para reboco
- 04 Travessa de reforço
- 05 Chapa trabalhada anti-deformação
- 06 Alvenaria
- 07 Carro deslizante em nylon com rolamentos blindados
- 08 Pino guia
- 09 Reboco
- 10 Batente de madeira eucalipto

Detalhe em vista 0 0,30 1,00

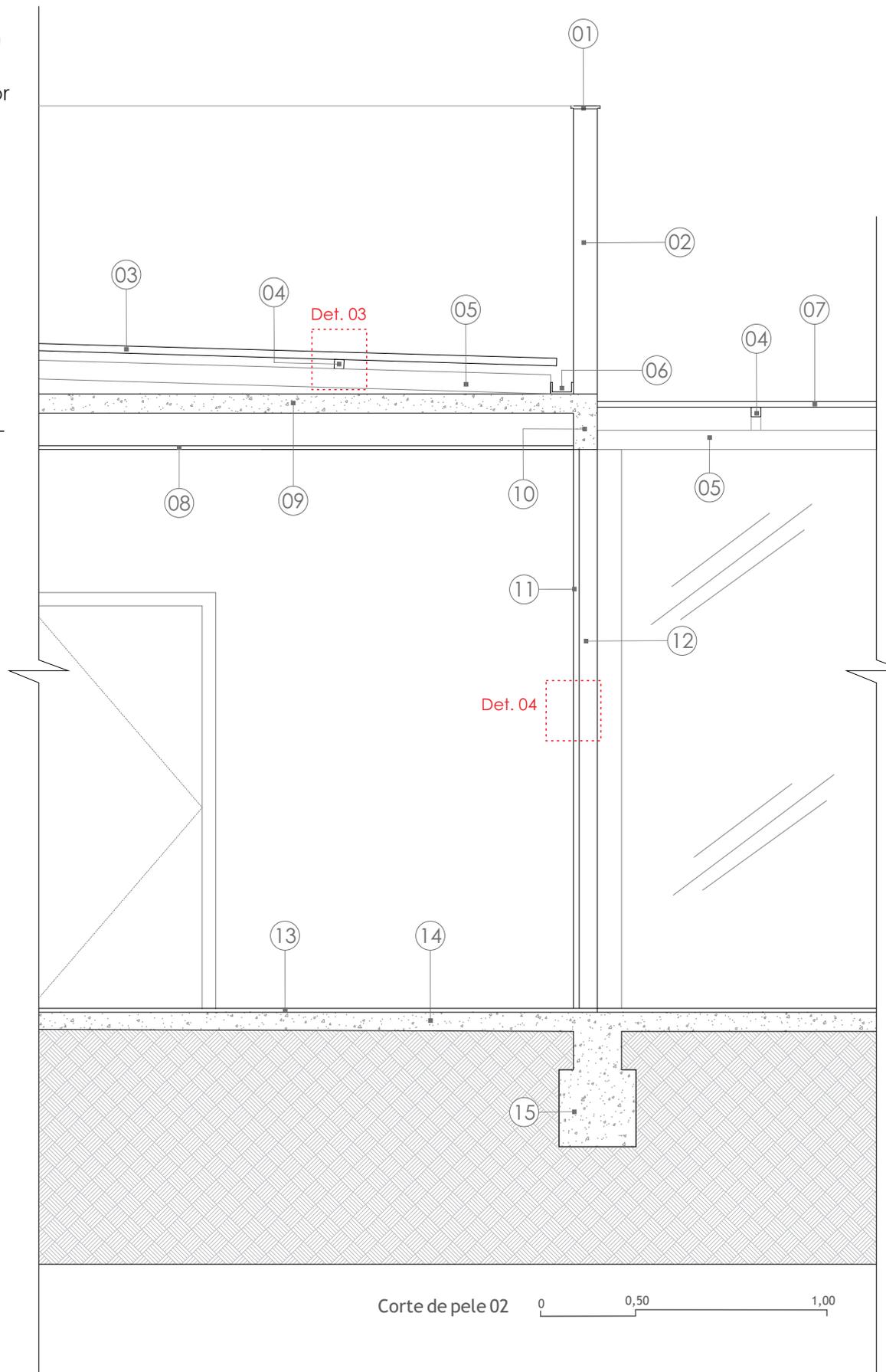


Detalhe em planta 0 0,05 0,15



Detalhe em corte 0 0,05 0,15

- 01 Pingadeira
- 02 Parede externa (platibanda)
- 03 Telha trapezoidal termoacústica Thermotelha Alumínio/Cor cinza
- 04 Apoio metálico (ripa)
- 05 Caibro metálico
- 06 Calha em alumínio
- 07 Vidro duplo temperado
- 08 Forro de gesso
- 09 Laje de concreto
- 10 Viga de concreto
- 11 Parede de vidro duplo
- 12 Pilar de concreto/revestimento de tinta acrílica fosca Suvinil/Cor Pérola aveludada
- 13 Piso porcelanato esmaltado branco
- 14 Laje de concreto
- 15 Fundação direta rasa em bloco de concreto



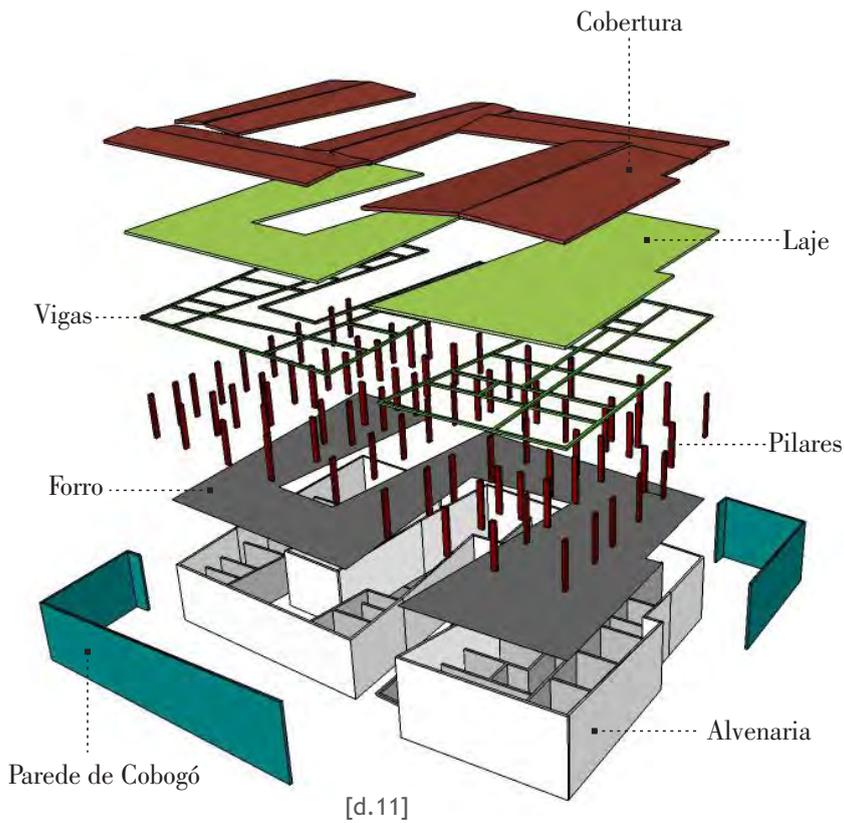
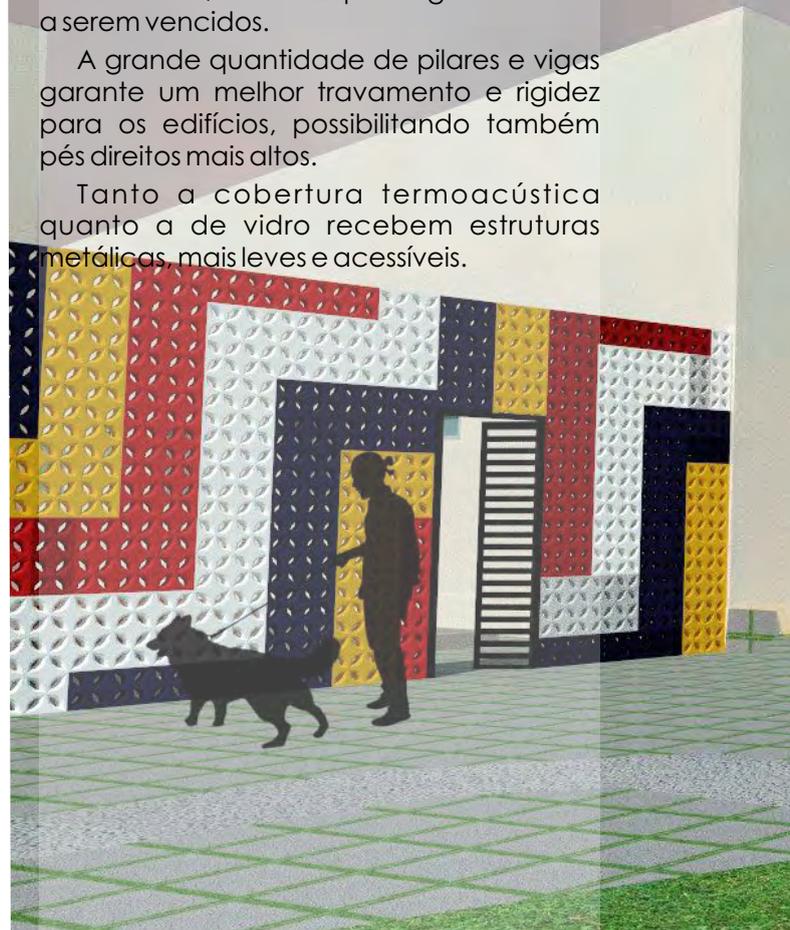
Corte de pele 02 0 0,50 1,00

# ESTRUTURA

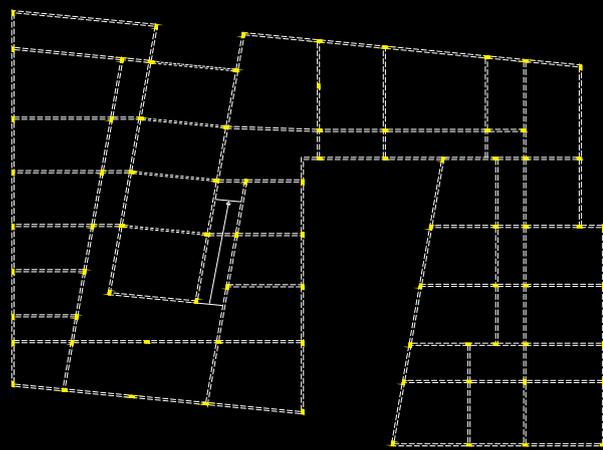
Por se tratar de edifícios de pequeno porte, a estrutura utilizada nas duas unidades é de concreto armado (pilares e vigas), composta por peças simples e com dimensões mínimas, uma vez que há grandes vãos a serem vencidos.

A grande quantidade de pilares e vigas garante um melhor travamento e rigidez para os edifícios, possibilitando também pés direitos mais altos.

Tanto a cobertura termoacústica quanto a de vidro recebem estruturas metálicas, mais leves e acessíveis.

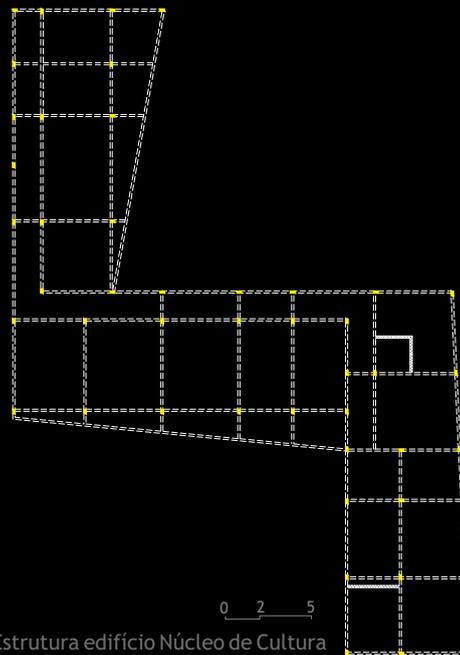


[d.11]



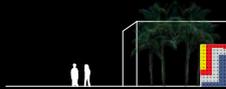
Estrutura edifício Entidade de acolhimento 0 2 5

■ Pilares    ..... Vigas



Estrutura edifício Núcleo de Cultura 0 2 5

Coba  
louça  
da c



Fachada dos edifícios c

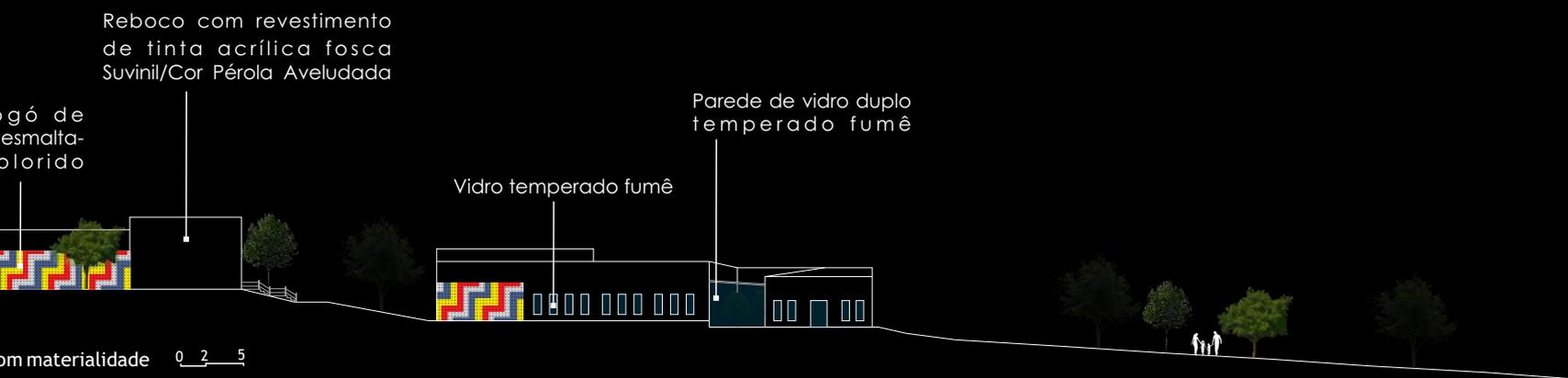
# MATERIALIDADE

O grande diferencial da volumetria dos edifícios, são as paredes de cobogós presentes em grande parte das fachadas. O material foi escolhido para garantir a iluminação e ventilação, ao mesmo tempo que proporciona privacidade e segurança. Além dos cobogós, o restante das fachadas receberam tratamento em reboco e revestimento com tinta Suvinil Acrílica fosca na cor Pérola Aveludada, que tem alta durabilidade, resistência e é lavável. As aberturas externas são de vidro temperado fumê, assim como as paredes de vidro, com o diferencial de terem uma camada a mais de vidro,

Além disso, há também o uso da telha termoacústica, que se faz bastante eficiente em vista dos seus benefícios, principalmente para as salas de música que necessitam de maior cuidado acústico.

LEGENDAS:

[d.11]: Diagrama da maquete explodida da Entidade de acolhimento. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.



# PAISAGISMO

## Legenda

[f.27]: Figura do bicicletário utilizado no projeto da praça. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[f.28]: Figura dos postes de iluminação utilizados no projeto da praça. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.12]: Diagrama em corte mostrando paginação e algumas árvores frutíferas presentes na praça. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

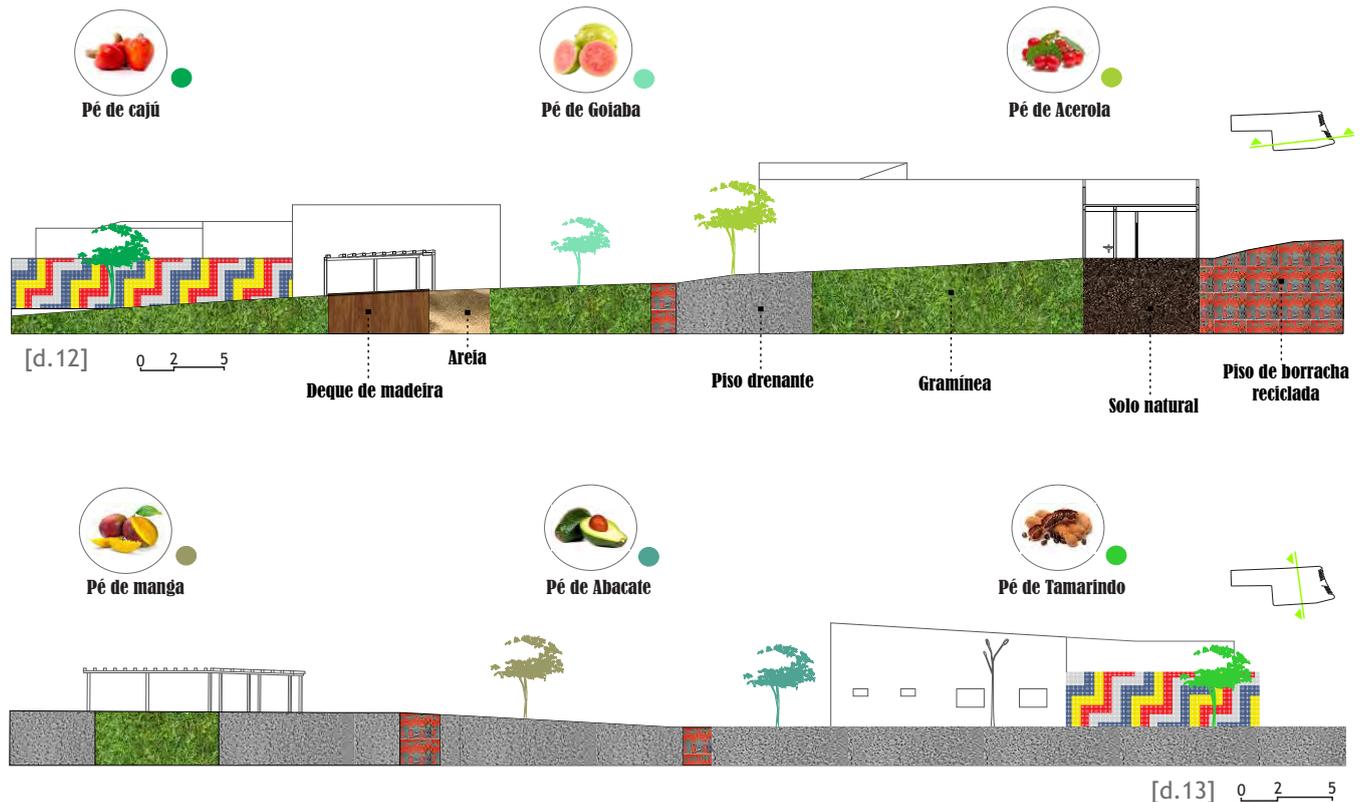
[d.13]: Diagrama em corte mostrando paginação e algumas árvores frutíferas presentes na praça. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

[d.14]: Diagrama das áreas de interesses comuns e seus respectivos mobiliários. Fonte: Carollina Souza de Lannes, 2017.

A paginação do terreno é diferenciada em vários trechos. Sendo a maior parte composta por piso drenante, que apresenta peças uniformes e estáveis, com maior resistência mecânica e porosidade, permitindo maior vazão de água. Além disso há também materiais como madeira, piso de borracha reciclada e áreas com gramíneas e areia.

Outro diferencial do projeto foi a escolha da arborização. Visando a educação ambiental e preservação, a maior parte das árvores escolhidas são frutíferas, assim as crianças do abrigo e da escola de artes podem usufruir das frutas e aprender mais sobre a natureza através da horta educativa e da coleta das frutas.

O perímetro da praça é dividido em regiões de interesse comum, sendo elas: área de convivência/permanência, área esportiva, área de recreação/lazer e área de alimentação/piquenique. E dessa forma, os mobiliários foram pensados para cada área específica, com identidade própria e ligação com os edifícios.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Estatuto da criança e do adolescente** e legislação correlata [recurso eletrônico] : Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 12. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

**Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes.** Brasília, 2009.

**Sistema de informações sobre a criança e o adolescente em abrigos.** Disponível em: <<http://www.neca.org.br>>. Acesso em: 28/08/16.

ASSIS, Simone Gonçalves de; FARIAS, Luís Otávio Pires. **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento** / organizado por. São Paulo: Hucitec, 2013. 367p

GRACIANO, Eliza Ribas. **Aspectos históricos e educacionais dos abrigos de crianças e adolescentes: A formação do educador e o acompanhamento dos abrigados.** Revista HISTEDBR Online, Campinas, n.18, p. 170 - 185, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br>> Acesso em 31/08/16.

La grande ronde. **Cassecroute.** Disponível em: <<https://www.cassecroute.be>>. Acesso em 29/05/2017.

Cobogós de louça: Elemento vazado folha. **Lajotelha.** Disponível em: <<http://lajotelha.com.br>>. Acesso em 04/06/2017.

Telhas e painéis com espuma rígida de poliuretano para coberturas e fechamentos. **Thermotelha.** Disponível em: <<http://thermotelha.com.br>>. Acesso 04/06/2017.



